

(CON)CIENCIA HISTORIAS DE LA CIENCIA BRASILEÑA

Alysson Fabio Ferrari ♦ Filipi Gradim
Carolina Cunha Pereira Frutuozo ♦ Maria Caroline da Silva
Tarcisio Cardoso Mauad Lima ♦ Juliana Nascimento Berlim Amorim
Solano Guedes de Miranda ♦ Izabella Cristina Cristo Cunha
Helvécio Furtado Junior ♦ Eduardo Emílio Maurell Müller Neto
Vivian Pizzinga ♦ Alejandro Alberto Armesto Benedito



Ediciones Universidad
Salamanca

(CON)CIENCIA
HISTORIAS DE LA CIENCIA BRASILEÑA

(CON)CIENCIA
HISTORIAS DE LA CIENCIA
BRASILEÑA



Ediciones Universidad
Salamanca

BIBLIOTECA DE BRASIL, 1
Brasil de Cuentos, 1

© Ediciones Universidad de Salamanca
y los autores

Edición:
Elisa Tavares Duarte
y Esther Gambi Giménez

Diseño de cubierta:
© Gregory Betermann, 2021

1ª edición: febrero, 2022

ISBN: 978-84-1311-620-4 (PDF)

Ediciones Universidad de Salamanca
<http://www.eusal.es>
eus@usal.es

Hecho en España-Made in Spain

Maquetación:
Cícero, S.L.U.

*Todos los derechos reservados.
Ni la totalidad ni parte de este libro
puede reproducirse ni transmitirse sin permiso escrito de
Ediciones Universidad de Salamanca*



Catalogación en ONIX, <https://web.dilve.es>

Esta publicación digital ha sido proyectada como material de divulgación de descarga gratuita, y reúne los mejores cuentos del V concurso de relato breve “Cuéntame un cuento”, del Centro de Estudios Brasileños (CEB) de la Universidad de Salamanca (USAL). La autorización para el uso de cualquier fragmento de este libro debe ser solicitada por escrito al CEB.

ÍNDICE

APRESENTAÇÃO

Alessandro Machado Franco Batista..... 6

FUTURO DO PRETÉRITO

Alysson Fabio Ferrari 10

CARALÂMPIA

Filipi Gradim..... 19

MENDIGOS DA PRAÇA DA CIÊNCIA

Carolina Cunha Pereira Frutuozo 34

RENDEIRA

Maria Caroline da Silva..... 40

A CAMISA DO MEU CURSO

Tarcisio Cardoso Mauad Lima 48

UM VIVA	
Juliana Nascimento Berlim Amorim	59
O ESTRANHO SEQUESTRO DE MIGUEL NICOLELIS	
Solano Guedes de Miranda	65
MÁQUINA DE LAVAR	
Izabella Cristina Cristo Cunha.....	77
O DIA EM QUE O PRESIDENTE COMEU MINHA MÃE	
Helvécio Furtado Junior	85
O ÚLTIMO SAMBA	
Eduardo Emílio Maurell Müller Neto.....	99
A NEUROSE DO TEMPO	
Vivian Pizzinga	107
UNA IDEA VIGENTE	
Alejandro Alberto Armesto Benedito.....	119

APRESENTAÇÃO

Em 2020 a pandemia de covid-19 atingiu todo o planeta e desde então nos impôs uma realidade totalmente diferente de tudo que as atuais gerações já haviam experimentado. Tivemos que mudar nossos hábitos diante da necessidade de adaptação ao isolamento/distanciamento social, sendo que esses fatos aconteceram em meio a outros processos, cujo espectro nos rondava.

O mundo já vivia, de forma latente, questionamentos com relação à ciência, que em muitas situações apontavam para o obscurantismo. Movimentos negacionistas de caráter anti-ciência encontraram respaldo junto a sujeitos que ocupam cargos de grande importância em vários países e se apresentam como uma renovação política. Tais ideias, porém, nada têm de novo e, de fato, representam um retrocesso na história, principalmente ao compreender a ciência como uma fonte de males sociais e/ou uma prática destinada a sujeitos seletos.

Nesse contexto, a publicação dos contos dos finalistas da quinta edição do concurso “*Cuéntame un cuento*”, dedicada à ciência no Brasil, com a qual o Museu da Vida Fiocruz teve o orgulho de colaborar, se apresenta em um momento oportuno e necessário. A publicação descortina um vislumbre sobre a importância de promovermos ações e reflexões sobre a integração entre a arte (literatura) e a ciência, aproximando suas questões do cotidiano das pessoas. O sucesso da edição denota o quanto foi acertada a escolha temática que contou com a participação de quase 400 contos procedentes de 10 países distintos, o que desafiou os membros do júri em virtude da variedade e qualidade dos textos recebidos.

O vencedor desta edição é Alysson Fabio Ferrari, com o conto “Futuro do pretérito”, no qual de uma forma original, conta o que podia ter sido, e não foi, a história de um grande cientista brasileiro imaginário. O conto nos desafia a refletir a partir de um relato ficcional como as relações sociais, e a própria relação do Estado com a sociedade assume centralidade para pensarmos o potencial que poderíamos alcançar como seres humanos e não conseguimos realizar. De forma complementar ainda deixa explícito o processo de formação de um cientista que parece tão distante do grande público.

O segundo lugar ficou para Filipi Silva de Oliveira e o relato “Caralâmpia”, no qual apresenta o trabalho da doutora Nise da Silveira, uma grande psiquiatra brasileira, que desafiou as violentas terapias aplicadas para tratamentos de transtornos mentais a meados do século XX. Nise da Silveira é um marco na história da saúde mental não apenas no Brasil, mas na América Latina. O seu método revolucionário de tratamento para os pacientes psiquiá-

tricos com o uso da arte, não apenas se tornou mundialmente reconhecido como revelou grandes talentos artísticos que impressionaram diversos críticos do campo das artes plásticas. A arte como método propiciou centralidade do afeto na terapia de Nise, humanizando a relação dos médicos com os pacientes. E nesse momento de emergência negacionista, onde o desprezo pela solidariedade e a eclosão do belicismo social ganham espaço, ver a história de Nise inspirar uma obra desse concurso é fundamental.

Aproveito para agradecer a todos os participantes, em especial aos dez finalistas destacados nessa publicação, que por sua originalidade e criatividade corroboram com o propósito da parceria entre o Centro de Estudos Brasileiros da Universidade de Salamanca e o Museu da Vida da Fiocruz, materializada nessa edição do concurso. Os autores publicados no livro são: Carolina Cunha Pereira Frutuozo com “Mendigos da praça da ciência”; Maria Caroline da Silva com “Rendeira”; Tarcisio Cardoso Mauad Lima com “A camisa do meu curso”; Juliana Nascimento Berlim Amorim com “Um viva”; Solano Guedes de Miranda com “O estranho sequestro de Miguel Nicoletis”; Izabella Cristina Cristo Cunha com “Máquina de lavar”; Helvécio Furtado Junior com “O dia em que o presidente comeu minha mãe”; Eduardo Emílio Maurell Müller Neto com “O último samba”; Vivian Pizzinga com “A neurose do tempo” e Alejandro Alberto Armesto Benedito com “Una idea vigente”.

Para encerrar é importante ratificar que o conjunto dos textos coaduna com a perspectiva de ciência que defendemos no Museu da Vida e que também motiva essa parceria, que aposta na indissociabilidade entre as esferas da cultura e da ciência na sociedade moderna. Nossa perspectiva de divulgar e popularizar a

ciência afirma uma ciência que se contrapõe tanto à visão de uma ciência “mítica”, onipotente e onipresente quanto à visão de uma ciência relativista que torna todo o conhecimento uma narrativa discursiva. Assim, podemos entender a ciência enquanto um processo antes de tudo social e histórico vinculado às necessidades da vida e às atividades dos seres humanos.

Aproveitem! Boa leitura!

ALESSANDRO MACHADO FRANCO BATISTA

Museu da Vida Fiocruz.

The background is a complex abstract composition. It features several large, overlapping shapes in shades of blue and beige. A prominent feature is a large, dark blue semi-circle at the top center. Below it, there are various wavy, layered shapes in lighter blue and beige. The overall effect is that of a stylized, layered landscape or perhaps a map. Faint, thin lines in beige and blue crisscross the composition, suggesting a network or a grid. The colors are muted and earthy, creating a sense of depth and texture.

FUTURO DO PRETÉRITO

Alysson Fabio Ferrari

Você acordaria com a luz da manhã inundando o quarto pela janela semiaberta; o suor impregnado na pele; o calor residual da noite como um cobertor indesejável; as cortinas imóveis emoldurando o despertar de um dia cheio de promessas. Os seus pais já tomariam o café da manhã e você se apressaria para não perder a carona até a escola. No caminho, colocaria a mão para fora da janela do carro, sentindo o ar passando entre os dedos, e não veria nenhuma nuvem perturbando a monotonia azulada do céu, porque mesmo se olhasse para trás, uma linha contínua de prédios residenciais ocultaria atrás de si os primeiros sinais da tempestade.

As aulas da manhã transcorreriam sem nenhum evento digno de nota, não sentasse você ao lado das janelas e não se distraísse às vezes olhando as nuvens carregadas se aproximando, uma parede opaca, cinzenta, que ia roubando aos poucos as cores do mundo. Próximo da hora do almoço, o vento começaria a balançar cortinas e a bater portas e, já na primeira aula da tarde, o professor teria que acender a luz para que todos enxergassem o quadro. A tempestade cairia como toda tempestade de verão na região metropolitana de Porto Alegre: derrubaria árvores, quebraria vidraças e destelharia casas. Você receberia uma mensagem da

sua mãe no celular dizendo, “Não consigo sair do trabalho, a rua está toda alagada, não sei a que horas vou conseguir te buscar”, e aquela não seria a primeira tarde em que você procuraria refúgio na biblioteca após as aulas.

Naquela tarde, você passearia pelos corredores da biblioteca, passando os dedos pelas lombadas dos livros e deixando os olhos saltarem de um título para outro até parar diante de um volume, um livro que não era familiar embora estivesse ali entre outros títulos familiares, como se aquele fosse o lugar dele. *Anuário Gaúcho de Astronomia*, seria o título, você retiraria o volume da estante e o levaria até um dos sofás da biblioteca, seguraria a brochura de capa azulada nas mãos e folhearia as páginas sem encontrar belas fotos de galáxias e planetas (coloridas artificialmente), mas sim tabelas de datas e posições de eventos astronômicos de anos passados, e artigos falando sobre planetas, constelações e astrônomos célebres. Você enxergaria naqueles números a regularidade do movimento dos planetas, luas, outros mundos seguindo caminhos cuidadosamente demarcados no espaço como peças de um relógio mecânico infinitamente complexo. Você leria a introdução e encontraria lá um convite, “Venha participar do Clube de Astronomia de Porto Alegre”, e quando finalmente o celular vibrasse com a esperada mensagem, “Estou indo te buscar”, a curiosidade faria o livro ser retirado para empréstimo e, dias depois, um telefonema feito, informações anotadas. Assim o convite contido naquela brochura azulada se concretizaria numa viagem até Porto Alegre.

Você sairia de casa sem prestar atenção consciente a detalhes que ficariam gravados de forma difusa na sua memória: a carrona dos pais até a estação, as palavras da mãe, “Te cuida, não vol-

ta tarde”, o olhar pretensamente despreocupado do pai, o ritmo preguiçoso do trem naquela tarde de clima ameno. Você subiria no 343 - Campus Ipiranga quase vazio, nos fundos do Mercado Municipal, e chegaria ao Planetário da UFRGS, o prédio azul e branco de formato insólito (uma tenda de circo parcialmente oculta pelas árvores) na esquina da rua Ramiro Barcelos com a avenida Ipiranga, e se encontraria com um grupo de pessoas conversando na calçada. A maior parte dos nomes e rostos você esqueceria depois de poucos anos, porque a curiosidade inicial ao folhear aquele *Anuário* não persistiria além de alguns encontros com o grupo, mas você jamais esqueceria de Otacílio (a barba irregular e esbranquiçada, óculos de lentes grossas e cabelos acinzentados), professor, assim o chamavam, embora fosse um advogado aposentado que, sempre insistiria, jamais fora professor. Otacílio lhe contaria sobre a iniciativa do *Anuário*, abandonada há anos, sobre como conseguiram os dados através de um professor do Instituto de Física da UFRGS, sobre o apoio de um projeto da universidade para imprimir e distribuir a brochura nas escolas da região, sobre como vários artigos do volume haviam sido escritos por jovens estudantes (“Como você”, destacaria), e como alguns desses jovens haviam estudado na UFRGS e se tornado engenheiros e médicos. “E tem aquele que virou professor de Física na Federal”, lembraria alguém, “Fabrício, era o nome, não?”, complementaria a senhora de cabelos avermelhados que distribuía o mate, cujo nome você jamais conseguiria se recordar.

Nos meses seguintes você se lembraria repetidas vezes da universidade federal como um lugar onde as pessoas não apenas se tornavam engenheiros, médicos ou advogados, mas também onde estudavam Astronomia, Física ou Matemática. Você diria

para si mesmo, quase brincando, “Se eu quero entender como o Universo funciona, então eu posso estudar isso na Federal”, e você teria que pensar assim várias vezes até que a ideia já não parecesse uma brincadeira. Quando chegasse a época de os cursinhos visitarem a escola para falar dos diferentes vestibulares da região, seria apenas você perguntando sobre a UFRGS na sua sala. Voltando para casa, falaria com a sua mãe sobre fazer vestibular e estudar em Porto Alegre, e ela demoraria alguns minutos para responder, concentrada no trânsito, “Mas Porto Alegre fica tão mais longe”, e você explicaria que na Federal não teriam que pagar pelo curso e que lá poderia estudar Física. “E o que você vai fazer depois de estudar Física? O que vai ser na vida?”. Você se calaria por um minuto, olhando o vaivém das pessoas na calçada, antes de dizer, “Cientista”.

Seriam dois verões de espera antes do dia em que você embarcaria no 343 - Campus Ipiranga, desta vez com uma pasta de documentos embaixo do braço para fazer a matrícula no curso de Física da UFRGS. Seria um dia de céu esbranquiçado, ruas ainda molhadas da chuvarada do dia anterior, calor, calor pesado como todo verão porto-alegrense, e você caminharia pela primeira vez entre os prédios da universidade nos quais passaria os anos mais transformadores da sua vida. Seriam anos de uma trajetória intelectual pontuada por imagens e sensações que ficariam gravadas na memória: os verões quentes e invernos chuvosos, a longa viagem pela Ipiranga e pela Bento Gonçalves, as tempestades, o mate quente passando de mão em mão na pracinha entre a Quí-

mica e a Letras, o sol passando entre os prédios, as mesas da biblioteca da Física.

No último semestre da graduação, você teria aulas com o professor Fabrício (suspensórios antiquados, camisas listradas, o cabelo raspado curtinho e a barba farta e avermelhada) e com ele começaria o mestrado, utilizando computadores para encontrar soluções das equações de Einstein em escalas galácticas. Após resolver alguns problemas mais simples indicados pelo seu orientador, você encontraria um artigo de pesquisadores da Alemanha e da Suíça, que sugeria uma nova parametrização das equações de Einstein, permitindo soluções numéricas muito mais eficientes. Ao longo das semanas de um inverno chuvoso, você transformaria as ideias desse artigo em um novo algoritmo, e resolveria novamente aqueles mesmos problemas simples em uma fração do tempo empregado inicialmente. O professor Fabrício se impressionaria com o trabalho, e recomendaria transformar o seu mestrado em um doutorado direto, incluindo uma colaboração com aquele grupo de pesquisadores estrangeiros. “Conheço pessoalmente a líder do grupo, a professora Sylvie, ela gerencia um dos maiores *clusters* de computação científica da Europa, você conseguiria fazer maravilhas com todo esse poder computacional”, diria ele. Durante o doutorado, você publicaria três artigos na *Physical Review D*, contendo soluções até então não descritas das equações de Einstein e, ao final, receberia uma bolsa da CAPES para realizar um pós-doutorado no ETH, em Zurique, sob a supervisão da professora Sylvie, professora emérita da instituição.

Seria inverno, e você caminharia pela neve acumulada no campus de Höggerberg, nervoso com o primeiro seminário que apresentaria no Departamento de Física, e antes de entrar no pré-

dio pararia, fecharia os olhos, inspirando o ar gelado. O frio traria coragem. O seminário não seria perfeito, mas após a apresentação, uma jovem estudante (Laura, cabelo loiro caindo pelas costas até quase a altura da cintura, óculos de armação redonda) perguntaria sobre os critérios de convergência usados no seu trabalho, “Porque acho que são parecidos com os que eu preciso usar para um problema de geometria molecular”. Vocês conversariam sobre as similaridades entre os métodos computacionais utilizados nas suas respectivas áreas de pesquisa tomando chá na cafeteria mais próxima, e você voltaria para o seu dormitório com alguns artigos para ler. Dois anos depois, terminada a bolsa brasileira, você conseguiria uma bolsa do governo suíço para estudar a proteína *spike* de um vírus respiratório que, suspeitava-se, poderia eventualmente infectar seres humanos e causar uma síndrome respiratória grave. Você trabalharia com a Laura e com uma equipe de pesquisadores mais experientes, implementando algoritmos numéricos mais eficientes para o *cluster* da ETH. Você ainda leria trabalhos sobre relatividade geral e tomaria café periodicamente com Sylvie, mas sua concentração estaria quase toda dedicada ao estudo computacional de proteínas. Encerrada a bolsa suíça, você voltaria ao Brasil e se estabeleceria no Rio de Janeiro, após breves passagens como postdoc na USP, em São Paulo, e na UFPE, no Recife. Décadas no futuro, como docente aposentado da UFRJ, você assumiria a direção de um recém-implantado núcleo avançado em Computação Quântica, uma iniciativa do governo brasileiro para a formação de centros de excelência na interseção entre pesquisa fundamental e tecnologia, e você já não pensaria mais em problemas relacionados com proteínas, e não teria contato com a Laura (professora aposentada precocemente, por razões de saúde, da Universidade de Heidelberg), nem com a Sylvie (faleci-

da), mas os seus trabalhos sobre a geometria molecular daquela proteína *spike* seriam fundamentais para a produção da vacina mais eficiente contra aquele vírus que ameaçava provocar a maior pandemia desde a Gripe Espanhola, de 1918. Mas você não saberia nada disso enquanto caminhava pelo campus de Höggerberg, vestindo um longo e pesado casaco numa noite de inverno, particularmente concentrado num *bug* que resistia aos seus esforços há uma semana, e olharia para o céu noturno, a lua, as estrelas, e por um instante seria transportado àquela tarde amena e agradável em que conhecera o Clube de Astronomia no Planetário, e se lembraria das tabelas astronômicas e da curiosidade por uma brochura azul encontrada casualmente na biblioteca num dia quente após a tempestade.

E assim seria, como uma história meticulosamente planejada, uma sequência de eventos colocados em curso ao acordar com a luz da manhã inundando o quarto pela janela semiaberta, o suor impregnado na pele e o calor como uma redoma maciça sobre a região metropolitana de Porto Alegre, um dia que começaria com promessas não cumpridas e terminaria após a tempestade.

E assim poderia ter sido, não fosse aquela caminhonete (preta, diesel, adesivos na traseira, 4x4 em letras grandes, vermelhas, bandeiras, bandeira do estado do Rio Grande do Sul, bandeira azul com três estrelas no canto superior esquerdo formando um triângulo equilátero), naquele cruzamento da rua Guarujá com a avenida Nações Unidas (eram 7h58min).

A caminhonete cortou a frente de um ônibus de turismo ao virar à direita para entrar na avenida sem avisar. O ônibus freou bruscamente e colidiu com a lateral da caminhonete, que girou

meia-volta, atingindo mais dois carros. A sua mãe freou brusca-mente. O motorista (ex-policia! militar, expulso da corpora!o! por envolvimento na morte de tr!s crian!as negras na Lomba do Pinheiro, seguran!a noturno em uma empresa a poucas quadras daquela esquina, bicos durante o dia em v!rios com!rcios da regi!o!) saiu da caminhonete gritando e ao ver o motorista do !nibus se aproximando (camisa branca com o logotipo da empresa na altura do peito, imaculada) e o dano na lateral da caminhonete (metal retorcido, o pneu estourado, a pintura amarelada do !nibus impregnada na carroceria como marcas das garras de um animal selvagem), se inclinou atr!vés da janela aberta da porta do passageiro e tirou do porta-luvas uma pistola (9mm, fabrica!o! nacional). O motorista do !nibus, atordado pela colis!o!, confuso pelo calor, pelos barulhos de motores ainda ligados e pelas buzinas, n!o percebeu o brilho da arma apontada em sua dire!o! e n!o identificou o grito do motorista raivoso, "Fica longe de mim seu preto filho da puta", e s!o! parou quando ouviu o som de tr!s disparos. O primeiro disparo atingiu um poste de ilumina!o! (foi o que mais pr!ximo passou do motorista de !nibus, cent!metros ! direita da sua cabe!a); o segundo estra!alhou o f!mur de uma estudante de enfermagem (22 anos, cabelo negro, encaracolado, longo e volumoso, o frescor do cheiro de bergamota se misturando ao cheiro de asfalto quente, diesel, suor e sangue). Voc!e estava de p!e, a porta do carro aberta, o corpo meio para fora, e gritava para sua m!e se afastar dali, quando foi atingido no pesco!o! pelo terceiro disparo. O proj!til rompeu sua car!tida esquerda e se alojou em seu tronco cerebral. Voc!e caiu de costas no asfalto, sem ouvir nada, e n!o teve tempo sequer de contemplar o c!eu acima, o suave gradiente azul, sem nenhum sinal ainda da tempestade que se aproximava.



CARALÂMPIA

Filipi Gradim

30 miliampères

De pé, com os eletrodos nas mãos, o doutor Salgado estava a postos para iniciar outra sessão de eletroconvulsoterapia do Hospital Psiquiátrico Pedro II. Encontravam-se, na estreita e penumbrosa sala de aplicação, apenas ele, dois enfermeiros e Fernando, o paciente. Este se achava deitado na maca, preso por cintos grossos e bem afivelados, que o mantinham em segurança. Ainda assim, as amarras não eram eficazes, pois se a mobilidade física estava limitada, não se dizia o mesmo das emoções. Em tal situação agressiva, figurava impossível conter-se no desespero. Gritar era a única forma de exercer o pouco que tinha de liberdade. Fernando se remexia, se contorcia, se debatia na maca.

— Pelo amor de Deus! Me tira daqui! Não sou doido, não... Não! Não!!

Salgado, indiferente aos apelos, molhou as têmporas do paciente inquieto. Um dos enfermeiros fez Fernando se calar, atufando um lenço em sua boca. Depois regulou a potência da caixa em amperes, enquanto seu colega apoiava o dedo sobre o pino que efetua a descarga elétrica. Aguardavam apenas o sinal. Pron-

tamente, o doutor meneou a cabeça, encostou os eletrodos nas duas têmporas de Fernando e a sessão começou.

Na primeira descarga, o paciente convulsionou fortemente, vindo a formar um semiarco em sua coluna, devido à contorção na maca. Repetiu várias vezes o movimento, o que tornava patente a extrema dor que sentia. Irrompeu de sua boca densa espuma. Apesar disso, Salgado continuava afirmando com a cabeça, transmitindo o comando ao enfermeiro. 30 miliamperes. Três, quatro descargas. Fernando sacudia menos.

– Doutor! A coisa é grave. O paciente está golfando sangue.

Pátio

Vestido em seu pijama amarrotado, Fernando cruzou o pátio interno do hospital arrastando os chinelos. A manhã de quinta-feira trazia a claridade suave do outono. De modo que era possível ouvir os colibris brincarem soltos nos galhos da frondosa mangueira que acolhia os pacientes com sua sombra fresca. Caminhava curvado, com dificuldade, em razão das dores musculares resultantes das convulsões. Avistou um banco de madeira vazio embaixo da árvore. Arfava um pouco. As pernas estavam trêmulas e vacilantes. Sentou-se. Pressionou a cabeça com as duas mãos sentindo os efeitos do eletrochoque. A boca mantinha o gosto amargo do sangue que havia expelido no dia anterior. O semblante era péssimo. A testa larga franzia. Os olhos verdes opacos feito rocha miravam o vazio.

Permaneceu ali, emudecido, impassível. Ventava suave. O desfolho das árvores provocava uma chuva seca por cima do ban-

co e por cima de sua cabeça. Com o trespassar das nuvens, o sol abriu um rasgo no céu e se irradiou sobre a face abatida do doente. Nada se alterou, mesmo com aquela luz celeste cintilante, mesmo com a inusitada cena que se armava a metros dali. No canto, ao fundo, rente à parede do ambulatório, pacientes se divertiam com uma bola de pano improvisada. Corriam. Gritavam. Festejavam o gol na trave imaginária como se disputassem a pelota no campo, nos tempos da liberdade e da sanidade, quando não eram reféns nem da esquizofrenia nem da internação.

O rosto de cada um dos brincantes parecia ter recuperado o elã de vida perdido. O pátio ganhou coloração vibrante. Quem andava apático ou arredio apresentou melhora no comportamento, desde o momento em que Milton, o enfermeiro responsável, pegou um pano velho que estava jogado no chão e o transformou em uma bola.

No meio das folhas que faziam do chão um agradável tapete amarelo ocre e das rachaduras do concreto que causavam irregularidades no piso, os pacientes corriam de um lado para o outro, esquecidos da tristeza e da solidão daquele ambiente pouco acolhedor. Milton aproveitou para interagir com os pacientes. Unia-se a eles, ainda que aquela não tivesse sido ideia sua, já que, na verdade, cumpria ordens da nova responsável pelo setor de terapia ocupacional, a recém-chegada doutora Nise da Silveira.

Anjo

O futebol seguia entretendo os pacientes. Da janela, a doutora Nise observava a partida se desenrolar. No entanto, sua atenção estava dividida. Pois, sentado no banco de madeira se encon-

trava Fernando, tão apartado de tudo, como se não pertencesse a lugar nenhum. Nise percebeu a solidão do paciente e, por ser nova no hospital, pretendia se fazer conhecida por ele. Levou a xícara aos lábios e finalizou o chá. Encaminhou-se até o fundo do pátio e notou que o paciente permanecia encurvado, encolhido e triste.

— Não quer se juntar aos outros? O jogo está tão divertido... Me chamo Nise. Pode se abrir comigo, meu anjo... — disse segurando as mãos do doente.

— Anjo... — balbuciou Fernando — Nunca mais. Ninguém. Ouvi.

Em seguida os olhos, que estavam caídos e semicerrados, se abriram afetados com o simples toque da doutora. As mãos macias de Nise, o suave gesto, arroubava da memória um sentimento de proteção que há tempos não experimentava. Os outros doutores não agiam assim. Salgado, por exemplo, ou desconhecia o nome dos pacientes ou os confundia frequentemente. Também nunca foi de demonstrar afetividade ou preocupação sincera com os diversos sofrimentos mentais dessas pessoas. Cumpria deveres e seguia protocolos. Nise, no entanto, abriu a brecha para algo inexplorado na abordagem médico-paciente. Por isso, Fernando, mesmo em estado catatônico, depois da bruta sessão de eletrochoque, conseguiu ter a mínima reação àquele estímulo delicado.

— Anjo... — balbuciou outra vez.

Vira-lata

Os dias transcorreram e Fernando não apresentava evolução no quadro psíquico. As intensas dores de cabeça que o per-

seguiam, as noites de sono mal dormidas e os gritos durante a madrugada eram tormentos incessantes. Ele deixou de ser um paciente sociável. Isolou-se radicalmente no banco de madeira do pátio. Enraizou-se de tal forma naquele pequeno cosmos doentio que era impossível travar diálogo com quem quer que fosse. Apenas as folhas secas da mangueira lhe faziam companhia, porque a natureza só cala e consente e não pode julgar o silêncio insuportável de um homem despedaçado por dentro.

A doutora Nise havia começado com a oficina na sala de terapêutica ocupacional e reabilitação. Alguns pacientes se sentiram atraídos pela forma espontânea e humanizada com que os tratava. Não tardou conquistar a simpatia deles e lhes estimular a desenvolver atividades que tinha em mente como a pintura, o desenho e a escultura. Basicamente eram essas as propostas alternativas da oficina, a partir da qual visava intercalar com as atividades rotineiras e, principalmente, reavivar o espírito dos pacientes.

Nise convidou Fernando para incorporar o grupo, oferecendo-lhe pincel, tinta e tela, mas o esforço terminou em vão. As dores que ainda grassavam a cabeça e os ossos impediam-no de travar qualquer contato. Por isso, o único lugar possível no hospital para ele era aquele banco de madeira duro e desbotado que o protegia do mundo sob a sombra da mangueira. A catatonia transpôs Fernando para uma dimensão incomunicável.

No entanto, sua percepção pôde capturar os sons da obra que estava acontecendo atrás do edifício central. Diziam que a diretoria do hospital havia concordado e liberado as verbas para a construção de uma quadra de esportes. Tanto melhor, pois os pacientes precisavam de outras formas de distração. Fernando

observou o movimento de ir e vir dos funcionários carregando carrinhos de mão com cimento, sem manifestar curiosidade nenhuma. Apenas notou que a rotina do hospital se alterou com as novidades trazidas pela doutora Nise e com aquela obra que espalhou barulho e sujeira por todos os cantos.

O enfermeiro Milton foi um dos voluntários que se libertou do jaleco, da camisa branca, vestiu *short* e camiseta, se juntou aos outros funcionários e ao pedreiro responsável para dar cabo da construção da quadra. Há uma década que a diretoria geral do hospital prometia essa obra. Mas, por razões burocráticas e por contenção de despesas, adiavam repetidas vezes o começo da empreitada. De modo que qualquer evento social, qualquer festa, Dia das Mães, Páscoa, Natal, era realizado justamente no pátio esburacado e mal iluminado. Milton era um dos apoiadores do projeto e, assim que a determinação da diretoria saiu, não titubeou e decidiu compor o corpo dos operários.

Certo feita, ao iniciar o turno da obra, aconteceu o inusitado: Milton encontrou uma cadela entre as escavações. A vira-lata tinha sido abandonada ou desaparecido, pelo que indicava a coleira. Seu estado era lamentável. Fedia muito. Tinha os pelos sujos de terra e de sangue. Mancava. A pata direita estava machucada. Alguma lesão causada por violência gratuita ou por algum pedestre desalmado que a tenha maltratado no caminho.

Milton arranjou uma toalha, envolveu a cadela e acomodou-a no colo. Com todo zelo possível, dirigiu-se até a sala da terapêutica, pousando a cadela em cima da bancada de metal. Alguns pacientes curiosos se aproximaram. O enfermeiro abriu a torneira, molhou o tufo de algodão e começou a limpar a ferida da pata

que, aos poucos, se mostrava profunda. Levada pela agitação dos pacientes, Nise foi conduzida até a sala. Adelina, por exemplo, sabia da paixão que a doutora nutria por animais. Por isso, havia urgência para que ela soubesse o mais rápido possível o que estava acontecendo.

Quando o enfermeiro se virou, abrindo o campo de visão na bancada, Nise percebeu o corpinho da cadela enrolado na toalha. Aquele estado fragilizado do animal comoveu a doutora, no que se prontificou a acariciar a barriga do animal, enquanto Milton lavava a ferida com tamanho cuidado e carinho, como se a cadela fosse de estimação.

- Apareceu aqui, doutora. Encontrei no meio da terra.
- Quando não temos pra onde ir é a terra quem acolhe de volta.
- O que fazemos com ela?
- Ora, Milton! O que acha? Ela já é filha desta casa. Vai ficar aqui.
- Se encrenarem?
- Encrenarem com animal?!

Caralâmpia

- Mas, doutora... – continuou Milton.
- Diga, querido.
- Como a bichinha vai se chamar? – Nise refletiu durante um tempo.
- Pensei que...talvez o apelido que papai carinhosamente usava pra me chamar.

- Qual?
- Caralâmpia vai ser o nome dessa coisinha linda e ela vai trabalhar comigo.
- Que nome gozado!
- Aquelas coisas do papai!
- Não entendi bem, doutora. O que quer dizer com trabalhar com a senhora?
- Ué! A cadela vai ser minha coterapeuta.
- Não brinca...
- Nunca falei tão sério.

Afeto

O caso parecia perdido. Havia tempo que um paciente não demorava tanto para se recuperar de uma sessão de eletrochoque. A catatonia que perturbava a saúde de Fernando permanecia. Seu espírito parecia ter se desprendido de algum modo naquele dia fatídico quando golfou sangue de tanto convulsionar. Os esforços da doutora Nise vinham sendo todos direcionados para a melhora do paciente, mas a resposta era nula. As dosagens de remédio já tinham alcançado o limite recomendado. Que mais havia a fazer?

No pátio interno, os pacientes adoravam brincar com a cadela Caralâmpia. Lançavam gravetos à distância estimulando-a correr pelos quatro cantos, abraçavam, beijavam e deixavam a cadela lambe seus rostos, pular em seus colos, fazer algazarra.

Naquele dia, o graveto caiu perto da mangueira. A cadela correu até lá para abocanhá-lo e se deparou com o solitário Fernando, que notou a presença do animal com um olhar espreitado. Caralâmpia não deu a mínima para o graveto. Sentou-se de frente para Fernando encarando-o com suas pupilas cor de amêndoa. Como o rapaz não reagia, a cadela encolheu a orelhinha e se deitou enroscada entre seus pés. A permanência do animal estimulou algum realinhamento interno em sua psique, alguma janela se abriu, de modo que principiou alisar o pelo da cadela. Cerrou os olhos, respirou a paz do momento, o frescor da sombra da árvore e se perdeu naquele roçar de dedos na maciez do dorso de Caralâmpia, que encontrou em Fernando uma pousada onde descansar de sua agitação.

Repentinamente se levantou e apoiou as duas patas da frente nas pernas de Fernando, que se inclinou em sua direção. Caralâmpia, sem mais aquelas, deu uma lambida longa e molhada no rosto do doente; que, naquela altura, não esboçava nenhuma expressão de dor. Fernando abraçou-a com uma ternura comovente e se manteve durante alguns segundos grudado nela, sentindo seu calor, ouvindo o palpitar de seu coração. Derramou uma lágrima fina junto de um sorriso que se abriu e remoçou sua alma.

— Caralâmpia! — suspirou o paciente com a voz embargada.

Salgado

— O Milton me deu o recado ainda a pouco dizendo que o doutor queria ter comigo — disse Nise em frente à porta que dava para a sala do diretor Salgado.

– Pois não. Entre! Puxe uma cadeira...

– Estou bem de pé. Pode dizer.

– O assunto é um pouco desagradável. Doutora, não está sendo encarado com bons olhos esse tanto de animais espalhados aqui pelo hospital. Tenho ouvido queixas...

– Qual é o incômodo?

– E precisa dizer? Esses animais vieram da rua! São sujos, pulguentos. Podem espalhar doença, sarna, coisas do gênero! Lamento, mas não são bem-vindos.

– E o que me recomenda que eu faça?

– Que os expulse daqui imediatamente.

– É impossível.

– Não me diga isso...

– Digo, sim, doutor Salgado. Esses bichos que você chama de pulguentos são, na verdade, meus coterapeutas. Eles têm me ajudado muito no tratamento dos...

– Ah! Por favor! – exclamou Salgado cortando a fala da doutora – Me poupe! Com que base científica você pode levantar uma hipótese dessa? Não exagere!

– Estou tentando justamente provar que os animais são, sim, mediadores eficazes na cura de doentes psicóticos e esquizofrênicos. É só ver a situação de Fernando...

– O que tem o Fernando?

– Depois que Caralâmpia, a cadelinha que encontramos, se aproximou dele, seu quadro de catatonia mudou significativa-

mente. Ele tem reagido bem aos estímulos. Está sociável com o grupo, alegre, sorrindo. Até brinca com o bicho, alimenta-o...

– Doutora, aqui não é uma associação protetora de animais. Isto é um hospital psiquiátrico! Por favor, compreenda.

– Você não entende. As dosagens de remédios dos pacientes que interagem com os animais vêm sendo reduzidas à metade! Isso quer dizer que...

– Não quer dizer nada! Não está provado cientificamente. É uma opinião sua...

– Eles precisam de amor, de uma forma emotiva de lidar com a psique...

– Não compartilho dessa opinião. Doente precisa ser tratado como doente.

– Com choque? Com paralisia?

– Com medicamentos adequados e não com crendices.

– O medicamento está no afeto. E Caralâmpia tem sido a cura para Fernando. Ela fez em uma semana o que você, com sua certeza científica, com sua máquina de tortura convulsiva, não conseguiu nem conseguirá realizar. Tenha uma boa tarde!

Grito

No hospital, uma das primeiras pessoas a chegar era Nazaré, que trabalhava no refeitório. A esmirrada funcionária que se deslocava da Baixada Fluminense até o Engenho de Dentro, a dedicada cozinheira, nunca se atrasava. Batia o ponto assim que o galo cantava na casa do vizinho. Tinha verdadeira paixão pelo ser-

viço. Quando os pacientes acordavam, sabiam que iam se deliciar com a canjica que ela fazia com esmero. Por isso, as manhãs no hospital eram os melhores momentos do dia. Em momentos de lucidez, diziam alguns pacientes que Nazaré era a cozinheira de mãos mágicas.

Ademais, cuidava com tamanha diligência dos animais do hospital. Nise ficava embasbacada de ver como a cozinheira era amada pelos cães e gatos que se achegavam no pátio e, graças à funcionária, encontravam abrigo e carinho. Ela construía, junto com Milton e os pacientes, casinhas para os bichos e espalhava pelo pátio cumbucas de água para os dias de calor. Salgado observava indignado. Chamava aquele comportamento de “abuso da máquina pública”. Mas Nazaré ignorava o mau humor do médico.

Naquele dia algo desarranjou violentamente a rotina. A cozinheira estranhou a quietude, pois Caralâmpia sempre corria para recebê-la quando ouvia o barulho da chave girando no portão do refeitório. Não houve lambida, nem abraço. Nazaré abriu a porta que dava acesso ao pátio. Foi quando paralisou com aquela visão terrível. Pelo chão o corpo da dócil Caralâmpia. Estava morta. No canto da boca, via-se transbordar uma espuma amarelada em torno da qual giravam algumas moscas impertinentes.

— Acorda, gente! Envenenaram a Caralâmpia! Assassinos! Assassinos!

Abraço

Entre todos os pacientes, o mais abalado com a morte de Caralâmpia era Fernando. Não havia quem mais agonizasse de dor. Quando chegou ao pátio, depois dos gritos enlouquecidos de

Nazaré, desmanchou-se em um choro incontrolável. Correu ao encontro da cadelinha e tomou-a no colo, feito filha. Esfregou a ponta do nariz em seu focinho, do jeito como sempre faziam ao se cumprimentar. Estava em prantos, de joelhos, olhando o corpo morto do animal. O gesto de Fernando era a pura expressão do desespero de quem perdeu a fonte de vida, quedando-se diante da filha morta – a *pietà* dos esquizofrênicos.

O estado fragilizado de Fernando estremecia qualquer coração mais sensível. Ele não largava Caralâmpia. Gritava seu nome o mais alto que podia. O pátio chorava. As folhas outonais caíam ainda mais tristes. Milton, Nazaré, Adelina e os demais pacientes estavam profundamente consternados. Em todos doía a morte, menos em Salgado que, de braços cruzados, contemplava friamente a cena do alto da janela, no segundo andar.

Nise se aproximou de Fernando. Bem que tentou, mas não conseguiu fazer com que se levantasse, pois seu corpo parecia acimentado no chão, agarrado ao bicho. A doutora cedeu ao esforço, ajoelhou-se diante deles e os abraçou, os dois, a cadela e o doente. Pranteou sem pudores. Deitou a cabeça no ombro daquele que nunca chamava de paciente, mas pelo nome. Fernando. Perder Caralâmpia daquele jeito estúpido implicava duro desfalque na rede de apoio do tratamento. Seria preciso buscar forças para lutar.

De repente, com o abraço que se fez ali, no meio do pátio, os outros animais do hospital apareceram. Pareciam imantados com a força daquele amor. O choro de Nise e a entrega de Fernando atraíram os demais bichos e todos eles, por fim, se acercaram e formaram um círculo. Os gatos que a doutora acarinhava e os

cães que brincavam com os pacientes envolveram-na com seus pelos. Misturavam-se, humanos e animais, não só através do roçar das peles, mas também do roçar da dor. Aquela convergência de afetos terminou por consolar, de maneira sincera e silenciosa, o coração do pobre Fernando. Foi um choque ainda mais pungente do que as descargas da sessão de eletroconvulsoterapia.



MENDIGOS DA PRAÇA DA CIÊNCIA

Carolina Cunha Pereira Frutuozo

As ruas vazias exalavam tristeza, mas ainda assim tinham o seu charme. O ar carregava um peso mórbido de mais de quatrocentos dias de quarentena, um fardo inevitável que ninguém mais queria carregar. Somente agora, depois de trezentas mil vidas desperdiçadas, é que as cidades ensaiavam medidas mais bruscas. Melhor dizendo, ensaiavam medidas bruscas sem custo algum, pois testagem em massa ainda estava fora de cogitação. São Carlos estava em constante ameaça de *lockdown*, ora por necessidade própria — mais de seis mortos diários para uma cidade de duzentos mil habitantes —, ora por solidariedade às cidades vizinhas, que inevitavelmente adotaram a medida. A vida, portanto, ficava oscilando entre os medos da liberdade e os males do cativeiro, vez ou outra se perdendo nos desvarios da necessidade econômica. E ela, da janela, sentia tudo isso. Sentia, mas, de alguma forma, sempre continuava. Por quê? Difícil responder tal pergunta quando até mesmo o mundo parou. Melhor dizendo, difícil responder tal questão quando todos pararam e o mundo, de maneira egoísta, seguiu correndo nas bolsas de valores; seguiu caminhando sozinho e deixou todo mundo para trás. Continuava por necessidade econômica? Será? Um tanto ilusório, neste momento, acreditar na fábula meritocrática de que estudar

na Universidade de São Paulo lhe livrará do inferno do desemprego. O mercado dá sempre uma mãozinha (invisível) para que, de alguma forma, todas as certezas e esforços não sejam suficientes. Continuava, então, por amor ao ofício? Em parte. Em tempos de guerra, amamos primeiro a vida, o resto se torna não essencial, tal qual o mar de portas fechadas que enfeitam as ruas. Concluiu que continuava por paixão. Paixão pela ciência, um sentimento louco, uma vontade inexplicável de abrir os olhos para a verdade enquanto o mundo se esforça em nos conceder antolhos; sentimento puro que movia seus pés para fora de casa todos os dias, mesmo durante o isolamento, mesmo durante as medidas econômicas que cortavam a maioria das bolsas dos cientistas brasileiros. Então, como fazia todos os dias, ela se entregou a paixão e deixou o apartamento rumo à universidade.

O longo eco dos passos na escadaria fazia o trajeto solitário parecer ainda mais solitário. Ela estremeceu. Procurou comedir os passos, torná-los suaves, para que não fizessem tanto barulho. Sentia medo de incomodar a malandragem que passou a noite nas ruas e agora descansava. Foi o próprio síndico — um comerciante angustiado — que lhe avisou para não perturbar os elementos. Fazer o quê? Moradia precária é assim mesmo, todos os tipos de pessoas humildes morando juntas, empilhadas em apartamentos minúsculos, lutando para sobreviver. Sem bolsa científica, era o que ela podia pagar, e ela era muito grata, sabendo do grande esforço dos pais. Quando chegou ao térreo, despediu-se do porteiro que, como de costume, portava a máscara apenas na boca. Ela já o havia explicado sobre a doença, já havia alertado sobre a necessidade de cobrir o nariz, mas nunca obteve sucesso. Praticar a ciência no Brasil é um trabalho cansativo, afinal. Travar uma ba-

talha contra a ignorância e a desigualdade social histórica é algo frustrante e, ultimamente, tem sido mais difícil, com a ignorância sendo celebrada e institucionalizada. E quanto a ter paixão pela ciência, no Brasil? Iguamente difícil. Porém, a paixão é uma batalha que sempre vale a pena.

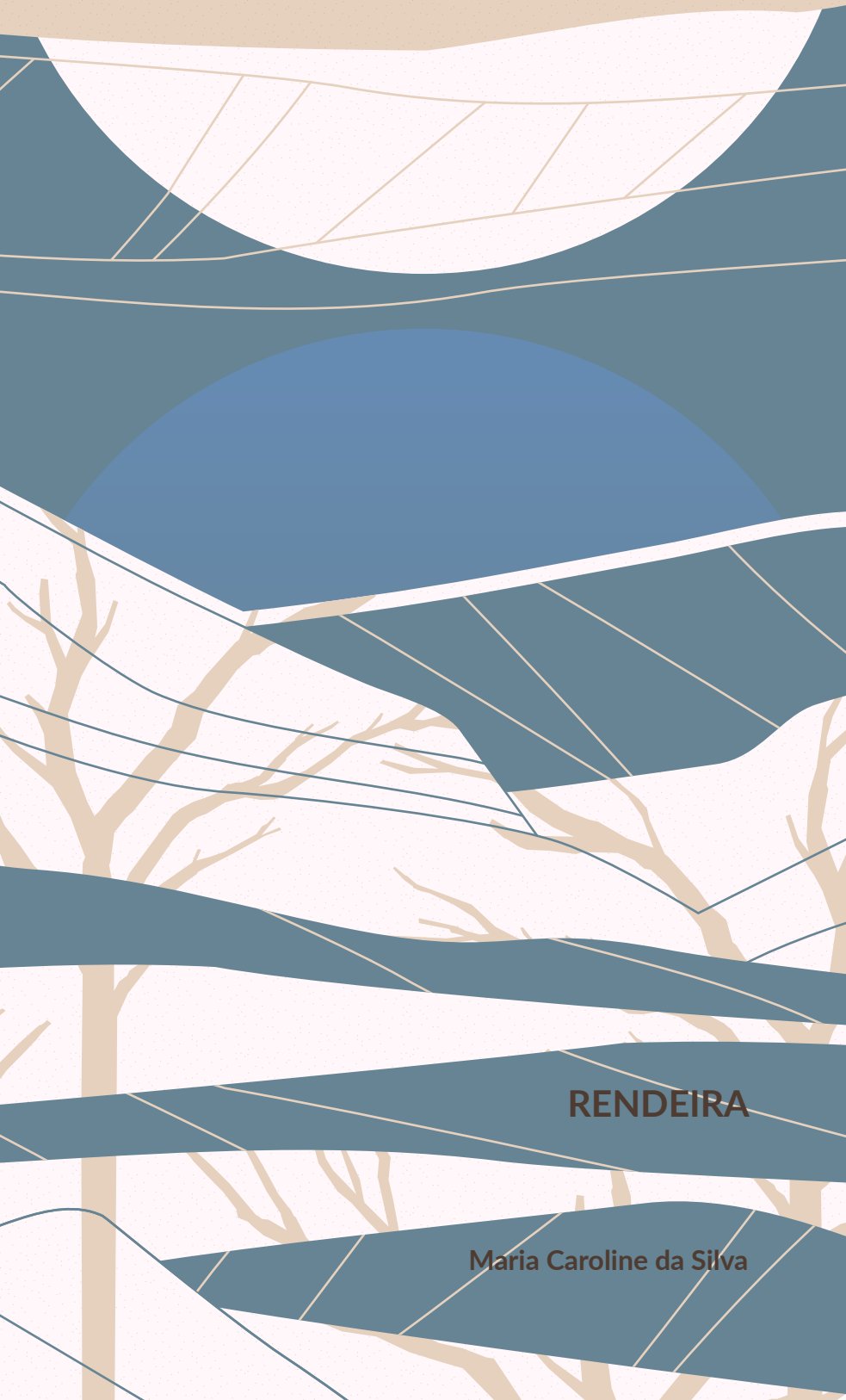
Ao trancar o portão, reparou pela primeira vez no nome de seu edifício. Rodrigues Alves. O presidente que morreu de gripe espanhola. Inevitavelmente, a coincidência se transformou em uma ironia ácida e lhe tocou o rosto, esboçando um sorriso no canto dos lábios. Há cem anos, a gripe matou um presidente sanitarista. Hoje, um presidente antisanitarista mata de gripe. Um verdadeiro insulto à ciência nacional. Um verdadeiro retrocesso. Mas, quem liga, afinal? Quem sabe quem foi Rodrigues Alves, diga? Quem sabe o que é uma vacina? Atualmente, as pessoas só sabem o que é revolta, estão massacradas demais para saber qualquer coisa além de revolta. Estão desesperadas demais para se importarem com máscaras e medidas de contenção. Em meio à distopia neoliberal, eles já não acreditam em mais nada, por que acreditariam na ciência? Por que eles acreditariam em uma ciência que pode salvar as massas e escolhe não o fazer? Por que confiariam em uma ciência que se submete a interesses econômicos e políticos poderosos, uma ciência que se reduz a bilionárias patentes de vacinas e prêmios científicos? O fluxo de pensamentos rebeldes lhe fez engolir seco. Uma realidade muito difícil de aceitar. Pensando dessa forma, ela até entendia o porteiro da máscara na boca. Por outro lado, também entendia a paixão científica que apertava seu peito e insistia em espalhar verdades ao mundo.

Perdida em devaneios, ela teve que apertar o passo para chegar a tempo à universidade. Agradeceu por estar a pé, pois o

trânsito estava congestionado por conta da vacina dos idosos. A faixa etária do dia, aparentemente, era acima de 75 anos. Nesse ritmo, ela sabia que seria vacinada apenas no fim do ano. Isto é, se for vacinada, e se sobrar vacina para o Terceiro Mundo depois da vacinação dos países do Primeiro Mundo. A vacina nacional, repetindo o triste roteiro da história brasileira, dependia da importação de insumos estrangeiros, por isso andava a passos lentos. As vacinas estrangeiras só chegam a solo brasileiro com a permissão norte-americana. E o tratamento sugerido pelo presidente é um remédio sem eficácia comprovada cientificamente. Era um insulto atrás do outro à paixão inocente que seu peito nutria pela ciência. Mas, mesmo ferido, mesmo sem caminho, o sentimento ainda lhe fazia caminhar.

Quando chegou finalmente à porta da universidade, uma cena curiosa lhe atingiu. A pequena praça da Ciência, construída às portas do Departamento de Física da USP São Carlos, estava lotada de mendigos. Seus bancos, com nomes de cientistas europeus famosos, serviam de abrigo aos desalojados. Seus painéis informativos serviam de apoio para improvisados telhados de lona. Ao redor da pequena maquete de planetário, orbitava um triste universo miserável. E as fotos dos cientistas, silenciadas, assistiam ao triste espetáculo. Foi como uma fachada no peito, uma pequena morte. Uma representação fidedigna da ciência nacional, moribunda, sofrendo e pedindo ajuda, eternamente orbitando ao redor do sol do Primeiro Mundo. Naquele momento, a jovem aspirante a cientista se sentiu mais um mendigo abandonado na praça da ciência mundial. O peito, porém, insistia em arder de paixão, lutava contra a dor e mostrava que a ciência brasileira, mesmo em dificuldades, ainda estava viva. Ainda acolhia os necessitados, ain-

da alicerçava estruturas, ainda assistia ao caos, incrédula. E ainda continuava. E por isso, ela também continuaria. Por paixão? Sim, havia muita paixão. Mas havia também a razão. E a razão, mesmo mendigando, nunca deveria sucumbir.



RENDEIRA

Maria Caroline da Silva

Sempre me impressionou a destreza das mãos da minha avó, a maneira concentrada como ela entrelaçava os bilros para tecer a renda. Os dedos já calejados pelos anos de trabalho como rendeira não haviam perdido a agilidade, e ela, aos 82 anos, continuava a produzir peças intrincadamente belas. Estávamos em nosso lugar favorito, a varanda da velha casa onde cresci. Ali, expostas ao vento agradável do litoral cearense, enquanto ela tecia, eu pensava. Pensava no motivo que havia me retirado daquela vila de pescadores e artesãos, pensava em minha viagem de retorno. Já fazia mais de seis anos que eu tinha partido daquele lugar para cursar faculdade na capital, e agora, como aluna de mestrado, o sonho de ser cientista parecia se materializar com a mesma concretude do pano feito de renda que minha avó tecia diante de mim. Mas a fragilidade — da carreira como cientista no Brasil, não a dos fios de renda — era algo que me preocupava no momento.

Se eu fechasse os olhos, conseguia lembrar com clareza do dia em que me despedi da minha família naquela mesma varanda. A mala carregava a determinação de uma jovem empolgada com as possibilidades de um novo mundo: o da universidade. Eu seria a primeira da família a ingressar no ensino superior, e o fato de tornar-se aluna de uma instituição federal de renome era motivo

extra de orgulho. Por ter estudado durante toda a vida em escolas públicas, entrar em uma boa universidade poderia ser um feito difícil. Porém, quando a aprovação para o bacharelado em Biologia aconteceu, não senti que havia cumprido um trabalho hercúleo, pareceu apenas o próximo passo inevitável de uma jornada que há tempos reivindiquei como minha. Diante dessa certeza, trocar a tranquila vila pelo cenário agitado do bairro universitário da capital foi um desafio encarado com mais empolgação do que medo.

Mas essa partida tinha acontecido há alguns anos, e, desde então, apesar de nunca ter me desviado da minha escolha, a energia para honrá-la já não era a mesma. Eu pendurava com nostalgia na parede da memória os primeiros anos da época de faculdade, ao longo dos quais me integrei cada vez mais à vida acadêmica e me apaixonei pelo fazer científico. A universidade se tornou minha segunda casa e a ciência meu novo lar. No início, o objetivo era sair da instituição de ensino “formada” e usar o diploma como quem utiliza uma chave para abrir uma porta. A porta em questão deveria ser um emprego, uma carteira de trabalho assinada, alguma garantia que cumprisse a promessa silenciosa que eu carregava no olhar no dia em que deixei a minha casa: “vou estudar para ter uma boa vida, irei conseguir um bom trabalho que me permita ajudar vocês”. Afinal, para alguns, a educação é a única possibilidade de ascensão social e econômica.

Em meio a esses pensamentos sobre estudar e ascender, o barulho do tilintar dos bilros manipulados pela minha avó me trouxe de volta à varanda. Enquanto admirava a valsa dos instrumentos em suas mãos, ouvi o som dos passos da minha mãe saindo da casa. Aproximando-se de nós, ela me perguntou:

— Você vai passar o final de semana todo com a gente, certo?

Respondi que sim, avisando que talvez até ficasse mais dias do que o planejado.

— Tenho mais algum tempo antes que o departamento da universidade resolva a papelada relacionada à mudança. — O laboratório onde eu pesquisava mudaria de prédio, e isso me dava mais alguns dias antes de voltar à capital.

— Que bom — ela respondeu. — Vai dar tempo de visitar sua tia então, ela sempre pergunta por você, pergunta se você já virou “dotôra”.

Eu sorri e respondi:

— Não *mãinha*, ainda não. Nem sei se vou.

— Depois de tanto estudar... quanto tempo ainda falta?

— Algum tempo mãe, alguns anos.

Na cabeça da minha mãe, o fato de eu usar jaleco nos laboratórios era motivo suficiente para ser chamada de “doutora”. Doutor era sinônimo de alguém “sabido”, alguém “estudado”, de preferência um médico ou advogado, profissões que de certa forma já haviam ganhado o doutoramento automático concedido pela banca popular das titulações acadêmicas. Eu não havia escolhido salvar vidas humanas ou navegar pelas leis, eu tinha escolhido ser bióloga. E agora, no mestrado, pesquisando sobre a genética de plantas, ainda me faltava um ano até a defesa da dissertação e mais quatro anos até a conquista do título de doutora. Quando eu explicava que ainda não era doutora, que passaria mais alguns anos na universidade para garantir isso, minha família não com-

preendia muito bem o motivo da insistência em uma peleja que, até agora, não havia me proporcionado a condição social que eles acreditavam estar reservada a “doutores”.

Eu não os culpava pelo desgosto, afinal somos todos socializados para medir o sucesso usando a métrica determinada pelo *status quo*. Não era para isso que a educação servia? Garantir maiores chances de sobrevivência através da reprodução material da vida proporcionada pelo dinheiro? A curiosidade substituída pelo utilitarismo, a fome de saber substituída pela fome de bens materiais. Viver de uma pequena bolsa de pesquisa não era compatível com essa visão de mundo. No fundo eu sabia que algumas pessoas da minha família, assim como a sociedade em geral, colocavam cientistas na mesma categoria pejorativa de vagabundagem que reservavam aos artistas. Uma triste classificação de valor, que despreza com a mesma força a ciência e a arte.

Mas, em parte, eu até entendia essa desvalorização. A minha família não sabia muito bem para que servia uma cientista, e não era inteiramente culpa deles. Afinal, ao longo dos anos passados do lado de dentro dos muros da universidade, percebi o quanto esses muros podiam ser altos; que podíamos nos recolher dentro deles, às vezes esquecendo de construir pontes de diálogo com as pessoas, permanecendo reclusos em nossos laboratórios, enquanto a sociedade do lado de fora se perguntava: “para que serve um pesquisador?” O resultado dessa desconexão talvez tivesse alguma relação com a notícia que eu recebera na semana anterior, de que a minha bolsa de pesquisa poderia ser cortada no próximo ano. Notícia que era o principal motivo da minha angústia no momento. Considerando a onda de cortes que os programas de

pós-graduação estavam sofrendo, o cancelamento da minha única fonte de renda parecia cada vez mais certo.

Foi dessa forma que aquela caloura empolgada com o ingresso na universidade tinha se transformado em uma jovem pesquisadora angustiada. Eu estava questionando toda a validade das minhas escolhas até então, imaginando que optar por seguir na carreira da ciência poderia significar a minha ruína. Estava me sentindo uma fracassada, pensando que talvez fosse melhor nem sequer voltar, deixar o mestrado de lado, abandonar todo e qualquer plano para o doutorado. Com as perspectivas para o futuro da pesquisa no país, escolher a continuidade da minha formação soava como uma missão masoquista fadada ao infortúnio.

Enquanto os meus pensamentos percorriam rotas pessimistas, a voz de minha avó me ancorou de volta à realidade:

— Tá com a cabeça onde menina? — perguntou ela.

Olhei em sua direção, e reparei que as minhas preocupações me distraíram o suficiente, pois nem sequer percebi que éramos só eu e minha avó ali na varanda mais uma vez, a minha mãe havia voltado para dentro de casa. Respondi:

— Tô pensando aqui, vó. Talvez eu devesse ter sido artesã como a senhora. Não sei... quem sabe rendeira também. Deveria ter aprendido a produzir alguma coisa palpável, fabricar arte que é fonte de beleza. Algo que desse para vender.

— Mas não é isso que você já disse que fazia? — retrucou ela.

— Como assim? — perguntei, confusa.

— Esses tais fios de DNA, que você enrola e desenrola nas plantas que vive cutucando. Que nem eu e os meus fios de renda.

A resposta dela me pegou de surpresa. Ela se referia a uma ocasião em que tentei lhe explicar o tema da minha dissertação e usei a renda como analogia, comparando os fios têxteis que ela manipulava com as moléculas de DNA que serviam de tecido para a genética vegetal que eu estudava. Eu havia explicado que, assim como ela, que usava as habilidosas mãos para tecer a renda, eu e meus colegas tentávamos manipular fios orgânicos à nossa maneira. O laboratório era a minha varanda e, de certa forma, eu era como a minha avó, tentando criar algo através de uma técnica metódica, porém criativa.

— Então, não era isso que você faz? — perguntou novamente minha avó, afinal eu não a havia respondido.

— É sim, vó. É para isso que estou estudando, para ser rendeira, que nem a senhora. O material dos meus fios que é um pouco diferente.

Aquilo quase me fez ter uma epifania, me fez pensar que, ao ser cientista, de certa maneira eu estaria honrando o aprendizado que obtive com a minha avó e com todas as mulheres guerreiras do lugar onde nasci. Assim como elas, eu poderia tecer algo bonito. Os meus fios não seriam de pano, seriam constituídos de dados científicos, que, se combinados, poderiam formar os mais diversos tecidos de conhecimento. Eu e os meus colegas estávamos na universidade para aprender os melhores métodos de costura da nossa pesquisa, os nossos materiais eram como os bilros das rendeiras, e as nossas bancadas de laboratório como os seus assentos de renda. A comparação inocente entre a arte da minha

avó e a ciência que eu havia escolhido reacendeu uma esperança em mim. Decidi ali que iria voltar para a capital e continuar minhas pesquisas. Eu precisava voltar, afinal queria me tornar uma rendeira tão boa quanto a minha avó.



A CAMISA DO MEU CURSO

Tarcisio Cardoso Mauad Lima

É muito fácil julgar quem veste camisa de curso de graduação na rua, digo por experiência própria. Eu achava “coisa de gente exibida ou insegura”, principalmente porque quase sempre as utilizam mostrando um curso tido como importante ou apenas o nome da universidade (e aí, você deduz que devem ser estudantes de uma área não tão badalada assim.) Porém, acabei não resistindo. A primeira coisa que fiz ao checar a minha aprovação no SiSU foi garantir a minha veste, vermelha como os lenços de um toureiro madrileno, carregada dos dizeres “Oceanografia UFBA”. Contrariei a minha regra imaginária, acho.

Como qualquer pessoa que não deseje ser médica ou juíza federal, obviamente escutei bastante sobre como morreria de fome. Ainda assim, tenho a sensação de que por ser uma área que não está nas prateleiras das graduações mais conhecidas, ouço a frase com uma frequência um pouco além da conta. De brinde, ainda preciso explicar as atividades de um oceanógrafo, além de desmistificar a ideia de que é um curso de ciências biológicas. Mas é o preço a pagar por ter arquitetado um plano para dormir escondido no Projeto Tamar, quando ainda era uma criancinha fascinada pela vida marinha.

Não à toa, meu despertador em formato de tartaruga em cima da estante verde-água me acorda para mais uma manhã de aula na UFBA. Se o meu pai não vier me perguntar mais uma vez se a orca é uma baleia, provavelmente chegarei no horário, mesmo se o ônibus atrasar para chegar ao campus na Ondina.

Piso no último degrau da escadinha do veículo e dou um pulo para aterrissar com ambos os pés no terreno onde desejei pisar desde o ensino fundamental. Após caminhar deixando pegadas pelas misturas de calçada com terra no solo, é hora da tradicional passada no Instituto de Biologia para garantir a xerox do dia.

Infelizmente, minha impressão externa acabou se confirmando desde que efetivamente entrei na universidade, cinco semestres atrás. Claramente, quem utiliza as camisas dos cursos compõe uma minoria, mas mesmo entre aqueles que, assim como eu, não possuem tanta criatividade para montar visuais inéditos todos os dias, é muito raro ver uma representação de áreas sem muito prestígio social. Ainda sofri uma doce ilusão no meu primeiro dia, quando vi uma pessoa vestindo uma blusa estampada com “Letras: UFBA”, mas acabei descobrindo ser apenas uma piada pretensamente engraçada.

Apesar da atitude tão solitária, a camisa finalmente resolveu fazer a sorte sorrir para mim. Nem havia atentado para isso, mas um bom samaritano que estava olhando o quadro de vagas me chamou, e o “cara da oceanografia” prontamente foi até onde ele estava. Ele me mostrou um papel anunciando um processo seletivo para estagiários em Oceanografia em uma empresa relativamente longe da minha casa. Mas, logicamente isso não seria empecilho para aproveitar uma oportunidade tão rara. Agradei

ao meu colega até então desconhecido e anotei o e-mail dos contratantes, pronto para enviar o meu currículo e torcendo para outros concorrentes passarem batidos pelo cartaz, assim como eu quase havia feito.

Algumas semanas depois, parecia que o processo seletivo nada tinha de “processo”, afinal de contas. Sem experiência na área e ainda na metade do curso, fui imediatamente contratado pela Lustigus, que só agora descubro ser uma *startup* de relativo sucesso dentro da higiene ambiental. Estava guardando todo o estudo a respeito da organização para quando (e se) fosse ser entrevistado, mas pelo jeito aprenderei “na marra” mesmo. Não que haja qualquer problema nisso.

Embora a ficha ainda não tenha caído, meu sorriso segue o mesmo princípio. Tento até conter a alegria para as pessoas no ônibus não me acharem esquisito ou algo do tipo. Mas isso não importa, e sim este futuro oceanógrafo finalmente recebendo a oportunidade de não “morrer de fome”, em um ambiente mutuamente comprometido e interessado nos meus conhecimentos e objetos de estudo. Puxo a cordinha do teto do ônibus e já sinto o meu coração palpitar, ansiando com um leve tom de nervosismo pelo momento que entraria no escritório do meu primeiro trabalho.

Para provar que alegria de pobre dura pouco, o motorista simplesmente não para no ponto certo. Pelo menos o próximo é logo ali na frente, não faria mal andar um pouco. Puxo a cordinha novamente e me certifico de que a telinha acende, junto com o barulhinho característico deste mecanismo tão corriqueiro. Ainda

assim o motorista não para, e toda a minha tranquilidade já vai embora.

— Ô motô! — grito de forma veemente enquanto bato com força na caixa localizada acima das portas e o maldito finalmente me deixa sair daquela prisão móvel. Saio esbravejando e insultando diversas gerações da família do piloto, ao mesmo tempo me sentindo um pouco mal pelo susto causado a alguns passageiros mais distraídos. Mas a prioridade agora é me apressar para chegar à Lustigus dentro do horário.

Bem, não consegui. Por questão de alguns minutos, acabei me atrasando, e o primeiríssimo encontro com o meu superior já veio acompanhado de uma tímida, porém incisiva bronca. Passado o constrangimento, consigo conhecê-lo melhor. O nome dele é Airton, tem 33 anos de idade, além de uma altura levemente superior à minha, e recentemente criou o departamento de Oceanografia na empresa. Não me contenho e acabo perguntando o motivo para o ingresso na organização ter sido tão simplificado (não quis utilizar a palavra “fácil”). Ele dá uma leve risada e diz que já imaginava essa pergunta, mas não há motivo de preocupação: oceanógrafos precisam cuidar uns dos outros. Os meus batimentos finalmente voltaram ao normal enquanto dava uma volta no escritório para conhecer o ambiente e me sentia pertencente ao local. Não era uma área grande, mas bastante setorizada. No fim das contas, a impressão que fica com todas as divisórias e os atalhos entre as diferentes partes é de que o espaço é muito mais confortável e receptivo do que seus limites físicos permitiriam. As paredes lisas e brancas ocasionalmente interrompidas por janelas venezianas configuram um ambiente estático, que eu sincera-

mente não esperava ver em uma *startup*, mas definitivamente tem seu charme. Talvez não passe de um estereótipo da minha cabeça.

Uma vez concluídas todas as formalidades iniciais, finalmente é chegada a hora de executar as tarefas que vim desempenhar de fato, exercer a Oceanografia como ciência prática. Ou pelo menos é a minha esperança até faltar 10 minutos para o fim do expediente, e ainda estou recebendo e entregando documentos e envelopes entre os setores. Sinto que é uma breve punição pelo atraso de hoje, então é compreensível. Não é de todo ruim: sinto-me um ator, desfilando meu carrinho de supermercado pelos corredores, como uma espécie de introdução em um filme de comédia. Mas confesso não ter pensado nesse gênero cinematográfico quando submeti currículo. No máximo, um filme de superação bem-humorado. Amanhã haverá de ser melhor.

O despertador de tartaruga emite seus diários sons de mar, me acordando meia hora antes que o normal para, agora sim, o meu primeiro dia de trabalho. Nem se o ônibus me arrastar pela gola da camisa social, eu chego atrasado hoje. Tenho até uma roupa reserva na mochila. Dou sorte de pegar um ônibus um pouco menos cheio e com alguns luxos extras, como ar-condicionado e minitelevisão, ótimas distrações para o chacoalho incessante do veículo, em minha opinião. Sou acometido por um misto de estranhamento e orgulho quando, em intervalo comercial em meio ao jornal da manhã, vejo uma propaganda da Lustigus na telinha, demonstrando em números e imagens o progresso feito nas áreas trabalhadas com seus serviços de higiene ambiental. Incrível como tudo é sempre mais bonito, charmoso, inteligente, ecológico após as intervenções. Preciso pensar em uma forma de fazer com que isso não seja apenas um estágio, desejo crescer dentro

da empresa, como um daqueles senhores que passam mais de 50 anos dedicados a uma única organização, ambos nutrindo um ao outro com experiência e compromisso. Quero chegar ao cargo do Airton, no mínimo. E agora é hora de começar. Salto do ônibus pronto para iniciar as tarefas reservadas para mim no escritório.

Bato o ponto com o meu cartão de trabalho, encerrando o expediente e pego o ônibus em direção à minha casa, onde após duas semanas de trabalho, os meus pais ainda não ouvem grandes novidades em relação ao meu trabalho. No fim das contas, parece que Airton e os seus colaboradores queriam um faz-tudo, função geralmente camuflada com nomes bonitos como “auxiliar administrativo”, ou “oceanógrafo”, no meu caso. Dia após dia, vejo diante de mim a rotina de trabalho acontecer para todos os colegas, enquanto as horas se arrastam no meu relógio de pulso, encostando com pesar e impaciência o metal da pulseira no corrimão do carrinho tão carregado por mim. O ônibus, agora sem televisão ou ar-condicionado, frequentemente não para no ponto certo, mas fazer o quê?

Como estagiário continua sendo estudante, começo a usar meu tempo vago no escritório para colocar em dia as responsabilidades de universitário. Às vezes sou interrompido por uma ou outra demanda de levar o papel X para a xerox, mas nada que comprometa a minha atenção ao material de estudo. Airton trabalha em uma sala de vidro fechada bem na minha frente, onde geralmente passa o dia falando ao telefone ou recebendo pessoas, solicitando-me que faça um cafezinho na mesma bandejinha ornamentada de prata. O dele é sempre descafeinado, e o outro logicamente varia de acordo com o visitante.

Veza ou outra, acabo ouvindo algumas ponderações de problemas oceanográficos (finalmente) nos projetos da Lustigus e, aparentemente, ele é o único responsável por esse setor na empresa. Quem imaginaria? Algumas vezes, paro as minhas atividades e o xingo mentalmente, apenas a fim de desestressar. Outras também resolvo pegar os dados soltos no ar e elaborar um plano imaginário de resolução no meu caderninho. Nesta semana, parece que a instalação da organização na praia de Patamares tem tido problemas de conservação e manutenção da ecologia local, principalmente com a água de lastro deixada pelos navios de transporte fretados pela Lustigus, enquanto o Ibama está “chegando duro” na empresa.

Apesar dos pesares, não consigo deixar de me importar com a situação marítima de um local que eu costumava frequentar com a minha mãe quando criança. Sempre pedíamos algumas pititingas e uns mini abarás, enquanto a brisa agridoce do oceano atingia, umedecia e salgava nossos cabelos curtos, porém balançantes.

Bem, hoje o roteiro pós-trabalho é um pouco diferente: troquei a camisa social por uma regata e shorts, separei o dinheiro do coco gelado e agora estou no primeiro ônibus em direção a Patamares. Confesso que gostaria de um tradicional queijo de praia também, mas a essa hora não encontraria mais vendedores. Finalmente chego ao destino e alegremente começo o processo de mapeamento. Tirei algumas fotos discretas das poucas plantas estruturais pertencentes à região, as quais encontrei no escritório, mas não é ruim para um projeto fadado a não sair da cabeça de um frustrado futuro oceanógrafo. Aproveito o processo para observar o ambiente, as cores ficando cada vez menos nítidas e

distintas entre si conforme a noite se aproxima, o reflexo da lua sobre o mar, e a água batendo nos meus pés, deixando a areia sempre um pouco mais fofa do que pouco antes. E assim faço por mais algumas semanas. Alguns dias, inclusive sob liberação de Airton, pois eu disse a ele que meu pai estava doente e precisava do meu apoio (felizmente não está).

Uma vez terminado o meu planejamento, às vezes finjo não conhecer como ou quando aquele rascunho foi feito, pois assim posso ter sensações de orgulho e felicidade quase parecidos à primeira vez que testemunhei o resultado. Na verdade, utilizei algumas ferramentas bem vanguardistas, atualmente utilizadas nos países nórdicos, mas que aqui no Brasil ainda parecem distantes da realidade. Ainda assim, nada mal para um projeto que nunca verá a luz do dia.

O esperado acontece: Airton me chama na sala dele para uma “conversa de oceanógrafo para oceanógrafo”, que na verdade não passou de uma bronca sobre as minhas saídas do trabalho antes da hora. Como já não tenho nada a perder, resolvo retrucar e reclamar da falta de oportunidades dentro da empresa após quase dois meses desde a oficialização do contrato. Ele sabe que a sua atitude não passa de uma fraude para baratear os custos de contratação, mas obviamente o assunto vai permanecer como um elefante na sala. Após ter ficado pretensamente surpreso com meu desabafo (e talvez um pouco assustado), ele agora me promete mudanças em tudo: finalmente poderei exercer as funções para as quais fui contratado. Tento manter a postura séria e desafiadora, mas na verdade, isso era tudo o que eu queria. Ou isso, ou ir embora de uma vez por todas. Puxo do bolso o plano guardado por quase duas semanas e mostro ao meu superior, explicando

cada passo e cada informação que falta ser agregada para podermos resolver juntos o problema em Patamares.

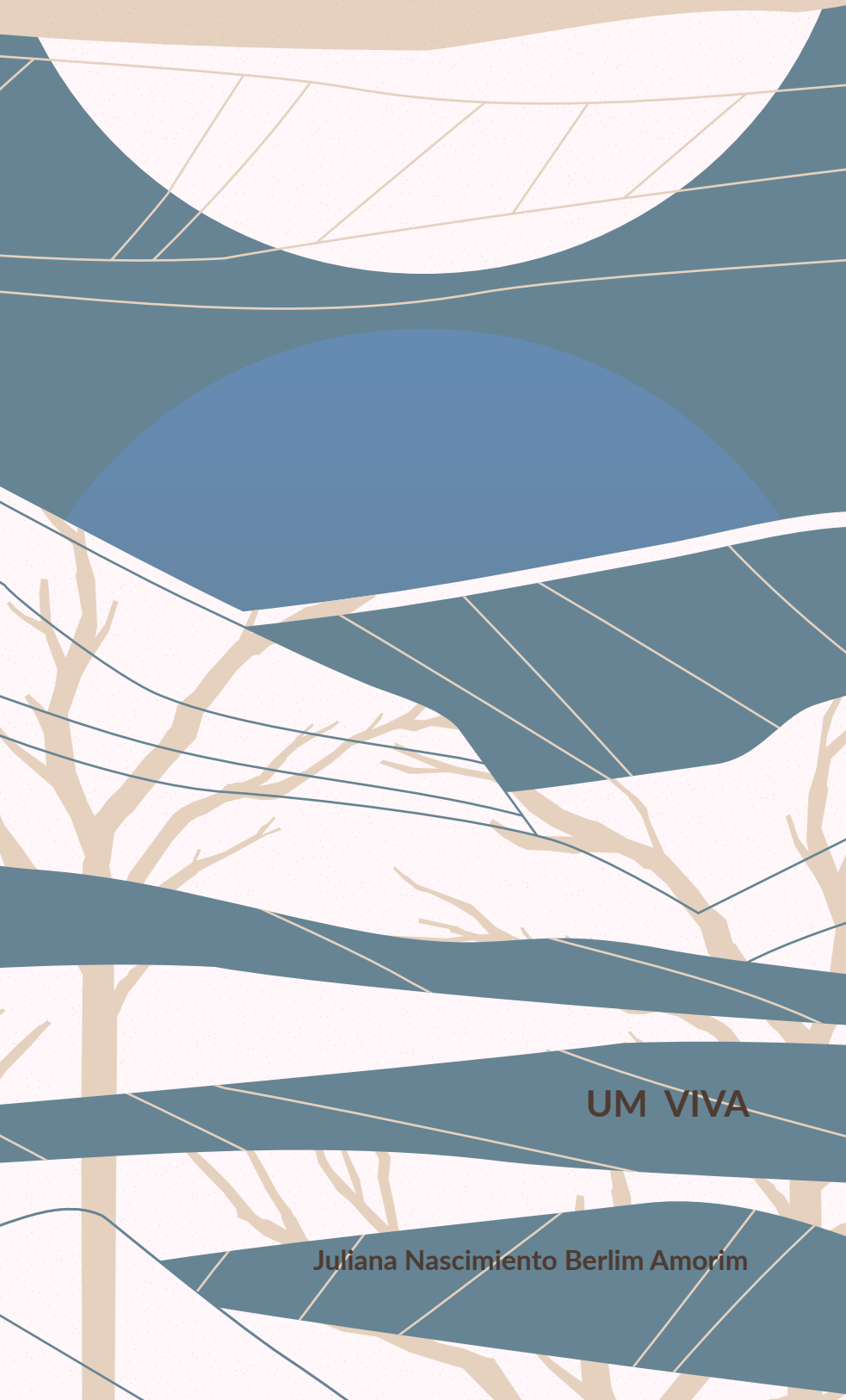
Não sei dizer se realmente a expressão estonteada dele foi de agradecimento por uma possível solução “caindo do céu” ou por conta do “complexo de vira-lata” em relação à própria profissão. Difícil dizer.

Saio do escritório após o meu melhor dia de trabalho até então. Ou talvez o único. Mal posso esperar pelos próximos quatro meses de contrato. Os meus sonhos de promoção, estabilidade e trabalho fazendo o que amo parecem cada vez mais próximos da realidade, repentinamente silenciando e diminuindo o volume de todas as vozes que unilateralmente decretaram o meu destino como um profissional ilegítimo e “esfomeado”, sem conhecer as possibilidades e contribuições da ciência oceanográfica.

No dia seguinte, carrego meu cartão de funcionário com vigor e orgulho, como não havia feito sequer no primeiro dia de trabalho. Checo três vezes antes de sair de casa para ver se tudo está nos conformes, e novamente saio mais cedo, pegando o ônibus com ar-condicionado e televisão. Ao pisar na sede do escritório, tenho um entrevero: a cancela não reconhece meu cartão. Chamo o segurança, que claramente não me conhece, e solicito ajuda, apontando o problema. Ele inicialmente me julga como inexperiente no processo de validação do cartão, mas logo se dá conta de que o problema pode ser a cancela. Alterna para testar na cancela ao lado, e de novo não adianta grande coisa. O mesmo acontece em todas as outras quatro ali presentes. O meu celular dispara. Já acometido pelo nervosismo, mal tenho tempo de raciocinar sobre o assunto da ligação, mas sempre se espera

algo bom. Não é o caso. É a coordenação de estágio da UFBA informando que o meu contrato havia sido rompido, devido a fatores como “insurgência e desrespeito aos superiores”. Nenhuma informação a mais foi dada, e, portanto, devo retornar imediatamente às minhas atividades como estudante de Oceanografia na universidade. A raiva toma conta de mim, mas sinceramente, o desgaste não vale a pena. Há um segurança de aproximadamente dois metros de altura na minha frente, já desconfiado que meu cartão possa ser uma tentativa de burlar o sistema de entrada, e a empresa jamais fez algo por mim além de tentar manipular a lei trabalhista. Azar o deles. Tenho mais a ganhar como estudante da minha ciência amada.

Espero o ônibus fazer a volta para ir à casa, me arrumar para um dia de aula (e não de trabalho) após um período que parecia uma eternidade, mas que em visão macroscópica, pouco significou. E assim, repito o ritual: estendo a mão e sinalizo para o ônibus. Eu e o motorista já nos reconhecemos, então é sempre mais agradável entrar em um ambiente com pessoas um pouco conhecidas. Isso vale também para o cobrador. Posiciono-me em meu confortável assento, olhando as paisagens soteropolitanas pela janela do ônibus. Não demora até a vinheta do jornal da manhã tocar, anunciando a seguinte manchete: “*Startup* de Salvador apresenta solução inovadora para potencial desastre ecológico em Patamares”.



UM VIVA

Juliana Nascimento Berlim Amorim

Dilermando suava frio. Era sua primeira investida na carreira jornalística e caía-lhe aos pés uma tarefa que lhe faria o nome: entrevistar o renomado infectologista Oswaldo Cruz. Caso se saísse bem, a sua reputação dispararia como um torpedo e o arrojaria pelos céus do jornalismo profissional. Contudo, um passo em falso e se comprometeria de tal forma que seria impossível conseguir uma chance tão brilhante de novo. Faca de dois gumes a oportunidade que seu tio lhe arrumara. Dilermando suava, mas não desistia.

Lançara-se ao ofício de jornalista de improviso. O tio, preocupado em deixá-lo livre para arruaças ao fim dos tempos de escola, colocou o rapaz sob suas vistas trabalhando na redação da Tribuna. O moço tinha talento para a profissão: escrevia bem, pensava rápido e organizava-se inteligentemente. O problema era o fraco da boemia, que Epaminondas via com preocupação. Em seu íntimo, julgava que, se não assegurasse ao sobrinho e afilhado uma ocupação respeitável antes do ingresso na Faculdade de Direito, o temperamento algo libertino do rapaz o poria a perder-se nas farras e delírios do Rio de Janeiro. Antes fora pior, lembrou o velho. A imundície enodoava não apenas a alma da cidade, mas também sujava as ruas e adoecia os cidadãos. Se hoje a capital

gozava de saúde pública considerável, nos pensamentos de Epaminondas isso se devia em grande parte à resiliência do notabilíssimo Oswaldo Cruz. Nos pensamentos do experiente jornalista, a Mão do Nazareno que providenciara aquele herói da jovem República, tão incompreendido em seu tempo, tão venerando na história. Para ele, sem o doutor Cruz, sua família teria sido dizimada pela febre amarela. Tornava a beijar a imagem de Nossa Senhora: ofereceu a família à inovação da vacinação em massa, contrariando muitos amigos e conhecidos que o execraram por ceder tão rápido aos apelos selvagens de um cientista. Veja bem, quem era este homem que se sentia confortável em impor suas regras aos cariocas, constranger senhoras a mostrar os braços para receberem o imunizante, varrer o município com suas medidas higienizantes? De algum modo, o velho editor se sentia ligado por uma linha tênue que unia os homens da nova era: a confiança indelével no progresso e na ciência. Sendo assim, sentia-se na obrigação em render uma última homenagem ao cientista que o fascinava desde seu aparecimento na cena pública. Um retrato particular de um gênio feito pelo seu presente para a vida: Dilermando, o sobrinho brilhante e avoadado. Por causa de tanta gratidão do tio ao renomado senhor Cruz, lá ia Dilermando Reis em nome da Tribuna da Imprensa, carregando na bagagem o estranho conjunto da devoção de um fervoroso católico nos louvores do materialismo da ciência em forma de incumbência de trabalho.

A senhora Cruz recebeu o inexperiente Dilermando pessoalmente, que se acanhou diante da visão do interior da casa, mobiliada de forma simples e asséptica, como tradução física da alma do antigo aluno do Instituto Pasteur, fundador do Instituto Soroterápico de Manguinhos, orgulho mundial na produção de

vacinas. A modéstia da habitação ecoava insuficientemente a de seu dono. Sentado à varanda do sobrado, um senhor de cabeleira vasta, grisalha, olhar saturnino, temperamento sereno e firme repousava com leve sonolência.

— Sou Oswaldo. É a mim que o senhor procura — disse ao jovem que chegava, sem fazer menção de se levantar.

Dilermando se sentou sem cumprimentar o anfitrião. Levou seu caderno com anotações e o virava com rapidez, deixando claro seu nervosismo diante da figura soberba que encarava. O interlocutor não se impacientava. Tinha o olhar e as maneiras de um debilitado, com movimentação discreta das mãos que só a chegada da copeira com a merenda abrandou. Quando Dilermando conseguiu finalmente organizar as notas, que na verdade significava menos ajustar as perguntas e mais acalmar os nervos, envergou uma postura polida, impessoal, de extremo profissionalismo. O rapazola acreditou ver nos olhos do cientista uma admiração pela mudança súbita de comportamento, mas pode ter sido só uma impressão. A verdade é que, de modo retardado, as histórias do Rio de Janeiro da virada do século tão repetidas pelo tio surtiavam efeito e deixavam Dilermando nervoso por reconhecer a relevância do entrevistado.

Oswaldo Cruz respondia ao questionário com serenidade, sem, contudo, dividir grandes segredos com seu entrevistador. Não dizia nada que não constasse dos autos da História. Aluno brilhante, consagrara sua vida desde a juventude ao estudo da microbiologia. A cátedra o levava ao outro lado do mundo e o trouxera de volta a um dos epicentros mundiais das doenças tropicais. Sua cruzada contra a febre amarela na cidade do Rio de Janeiro

entraria para os anais da historiografia mundial. Como resultado de sua ousadia, foi alvo de deboche até de *O Malho*. Nem por isso fora menos pertinaz. Quanto mais resistência, mais certeza da sua missão. A intervenção na limpeza das ruas, dos morros, como o Morro da Favela, e a mudança de hábitos epidemiológicos na paisagem carioca estabeleceram novos marcos científicos nas Américas. Faltavam perguntas para a reportagem especial, porque os feitos daquele homem eram incalculáveis. Passada a angústia do começo, Dilermando anotava todos os detalhes sem cansaço. O doutor Oswaldo, porém, parecia cansado. Ao levantar o rosto do papel para uma última pergunta, o jovem recebeu a declaração pela qual um jornalista espera muitas vezes a vida inteira:

— Estou morrendo. Insuficiência renal. Em algum momento, sei que esta moléstia vai me levar.

Dilermando espantou-se com a própria tranquilidade ao lidar com semelhante furo de reportagem, que preferiu descartar. Seria um miserável se usasse tamanha dor para se promover. Haveria outras oportunidades de sucesso profissional. O retratado merecia respeito, porque homens como Oswaldo Cruz permanecem gravados na memória do povo. Deixá-los morrer em paz na dignidade de sua intimidade era um presente.

— Anote, Dilermando, como meu último pedido para esta entrevista, uma declaração final para o seu perfil. Lutei muito tempo contra as trevas da ignorância científica, mas o século que se estende diante de nós será o elogio da ciência e da razão humanas. Daqui a cem anos, no distante 2021, nenhuma pessoa se sentirá confortável em recusar saneamento básico ou protestará contra vacinas. Até lá, o espírito humano estará tão assegurado dos be-

nefícios destas tecnologias que qualquer disposição em contrário soará anacrônica. Não seremos as testemunhas das luzes em nossa terra, mas nossos netos e bisnetos viverão em um tempo que acredita na ciência, a valoriza com aportes generosos de dinheiro público para a pesquisa e o desenvolvimento científicos em larga escala. Porque, sem isso, nenhuma flor nascerá no jardim brasileiro. Como disse Voltaire, o homem deve cuidar de seu jardim. Com certeza, na década de vinte do século XXI haverá ordem e progresso, como diz nossa bandeira, e gozaremos do mar de flores de que fala nosso hino. Tudo por causa do respeito à ciência, do Oiapoque ao Chuí, do presidente de nossa jovem República à criança recém-nascida. Um viva ao pensamento científico, agora e sempre.



O ESTRAHO SEQUESTRO DE MIGUEL NICOLELIS

Solano Guedes de Miranda

Não sabia que no Bixiga comeria uma feijoada tão ruim. Uma coisa insossa, sem gosto, horrível. Está certo que já estava mais para noite que para tarde, talvez fosse isso. Não gosto de trabalhar de barriga vazia.

“Professor Nicolelis?”, eu disse com os olhos por sobre uma PFF2. “Boa noite, sim?”, respondeu e parou a caminhada por um momento. “O senhor poderia me dar um autógrafo?”, perguntei, puxando um bloco e uma caneta do bolso. “Autógrafo?!”, exclamou, espantado.

O Linea preto encostou ao nosso lado vagarosamente. A Paulista não chegava a estar deserta, mas estava vazia o suficiente para eu levantar a camisa e fazer com que o barbudinho notasse o prata da minha 45. reluzir. “Entra no carro”. A porta de trás se abriu, o cientista cooperou, tremendo. Algemas, capuz e um cano de pistola encostado na cabeça.

“Tá confortável, professor? Pode ficar sossegado que a placa é fria e o fumê é cem por cento. Não tem ninguém te vendo. O senhor acredita em Deus?”. Ele nada disse e continuei: “Pois pode começar a rezar...”.

Trabalho chefiando sequestros desde 1998. Saí da Civil no ano anterior, fui afastado, problemas com a Corregedoria, praxe. É parecido com o que eu fazia na polícia, a diferença é que neste negócio existem regras. No ramo, sou conhecido como Elegante, nunca estouraram um cativeiro meu, nunca fui preso, sempre preferi jogar um jogo de cartas marcadas. No Brasil, ou você paga ou você recebe o arrego, não importa o tipo de negócio. No caso desse cientista, a coisa estava, digamos, um pouco mais escancarada, o arrego já veio pago.

Consegui uma casa no Cambuci, onde funcionava uma biqueira, como dizem em São Paulo, um lugar que antes vivia cheio de cracudo, desprezado pela polícia. Não que a polícia fosse uma preocupação. Fiz uma limpeza lá para a operação acontecer. Era uma casa isolada, ao lado de vários imóveis vazios. Era um bom lugar. A entrada era pela garagem, que era fechada, portão de alumínio e coberta por uma telha de amianto. Esse era o ponto alto da gaiola: portas e janelas fechadas, da rua ninguém via nada. Fora isso, barulho de tiro no Cambuci não chama tanta atenção assim.

Paramos o carro. No banco de trás, o professor Nicolelis e eu. Um dos meus homens, o Machado, que estava no banco do carona, saiu e rapidamente abriu o portão. Entramos com o carro sem maiores alardes. Nicolelis em silêncio, um pouco ofegante, seguiu para dentro da casa algemado e ainda com o saco na cabeça. Guiei o professor segurando em seu braço e o conduzi até o quarto que o esperava. Um sofá de dois lugares, uma mesa de centro de plástico branco e uma cadeira dessas de ferro, típicas de bar. O lugar não estava lá muito limpo. Joguei o professor com uma agressividade planejada no sofá. Escutei um gemido. Mandei o Batata tirar o capuz do professor.

No quarto, estávamos eu, Batata, um ex-PM que já trabalhava comigo há mais de dez anos, e Nicolelis. Eu e Batata com as nossas armas aparentes e Nicolelis algemado com as mãos para a frente, já sem capuz. A primeira coisa que fez foi ajeitar os óculos e a máscara, e o que me chamou a atenção foi que ele ajeitou a máscara pelo elástico sem tocar na parte da frente. Nunca tinha pensado nisso. Batata não usava máscara e só trabalhava de touca ninja. Quanto a mim, me mantive de máscara mais porque aquilo tapava parte do meu rosto. Nicolelis se recostou no sofá, pôs as mãos algemadas entre as pernas, recostou a cabeça no espaldar e suspirou o que me pareceu ser alívio. “O que vocês querem de mim?”, perguntou o professor, estranhamente resignado, ainda que um pouco nervoso. “Olha, isso não faz a menor diferença pra você, acho melhor se preocupar com o que o senhor está fazendo aqui”, eu disse, sentado na cadeira de ferro, apoiando a pistola na coxa.

Batata estava na porta, que ficava em uma lateral do quarto. Nicolelis olhou em volta, fixou os olhos na janela fechada e depois voltou a me encarar. “Posso pedir uma coisa?”, “Poder, pode”, respondi. “Você pode chegar essa cadeira um pouco mais para lá e abrir a janela?”. Eu ri. “Manter o distanciamento, professor?”, “Acho importante, e abrir a janela, somos três nesse ambiente e um sem máscara, em pouco tempo as máscaras não nos protegerão da quantidade de aerossol gerada e acumulada no ar”, ele foi dizendo, e seu tom professoral conferia uma estranha calma a ele. “O senhor está com uma 45 apontada pra sua cabeça e preocupado em pegar covid-19?”, perguntei, um tanto irritado. “Não só em pegar. Eu posso transmitir, posso ser assintomático, posso ser o paciente 0 nessa sala”, continuou Nicolelis, enigmático. “Pa-

ciente O? Que porra é essa?”, falei, intrigado e, confesso, com um leve temor. “O que quero dizer é que posso estar com covid-19 e sem sintomas, basicamente. Por favor, abra a janela e se sente pelo menos a um metro e meio de distância. É melhor para todo mundo. E se possível peça para o seu amigo colocar uma máscara, pode ser por dentro da touca, o ambiente não é grande, a possibilidade de contágio é real. Por favor”. Não me movi enquanto continuava olhando para ele e o professor insistiu: “É possível?”.

A janela dava para o quintal da casa, não havia risco. Levantei-me, coloquei a pistola na cintura e abri a janela olhando para a cara do professor, enquanto eu mexia o canto dos lábios de forma desdenhosa. Ele abaixou os olhos na direção da mesa de centro.

“Ô Batata, vai buscar uma máscara, tem uma preta pendurada do lado da pia do banheiro. Vai combinar com a touca. Vai e volta. Mais alguma coisa, professor?”, falei debochadamente. “Tem álcool gel?”, ele falou sério. “Não, não tem álcool gel”. “Bom, existe uma possibilidade, menor, é verdade, do contágio por contato. O vírus pode sobreviver muitas horas numa superfície, e como você tocou em mim — não estou dizendo que vai acontecer —, você pode se contaminar eventualmente. O ideal seria higienizar as mãos e os objetos”. “Higienizar as pistolas?”, “Sim”. “Quando o Batata voltar a gente vê essa situação do álcool gel. Professor, você tem ideia do porquê de o senhor estar dando esse passeio?”, “Olha, posso ser sincero?”, “Seja”, concedi. “Eu sabia que estava correndo risco, sabia que algo poderia me acontecer, mas não sei o que vocês querem de mim”. Nicolelis ganhou certa calma depois que abri a janela e afastei a cadeira. “O senhor pode voltar para casa são e salvo hoje ainda, sem gastar um centavo. Só precisa cooperar”, tentei animá-lo. “E o que seria cooperar?”. Ajeitei a minha

máscara pelo elástico, tentando repetir o movimento do professor, que percebeu a ironia e fez um movimento de rosto. “Professor, eu vou ser direto pra gente ganhar tempo. Eu tô com uma equipe de gravação pronta pra vir pra cá com tudo que é equipamento, cenário, figurino, enfim, a porra toda. O senhor quer cooperar? Cooperar seria gravar um vídeo. Só isso. O senhor grava um vídeo e eu te libero”. “Peraí. Um vídeo?”, ele estranhou. “É só gravar esse vídeo e o senhor volta pra casa ainda hoje. Um vídeo como o senhor está acostumado a fazer, só que diferente. Coisa simples”. “Como assim?”. Respirei fundo e expliquei: “Professor, é um vídeo para dar uma acalmada no pessoal, você vai falar que também não é assim, que essa pandemia não é isso tudo, que o senhor andou muito nervoso, que se enganou... pegou o espírito da coisa?”. Um tanto nervoso, ele começou a dizer que não, que não poderia gravar o vídeo que eu estava pedindo, que isso era negacionismo. “Professor, fala português claro comigo, se continuar com essa história de paciente 0, negacionismo, vai complicar a coisa entre nós”, fui me irritando, e ele continuava, “Ne-ga-ci-o-nis-mo, é a negação da ciência, da realidade, eu não posso fazer isso. É divulgação negacionista, é *fake news*, não posso gravar esse vídeo do jeito que você está me pedindo!”. Respirei fundo e falei, alto: “Tá bom, professor, e eu também não posso matar ninguém, é assassinato”.

Pela primeira vez, Nicolelis arregalou os olhos. E se encostou no sofá com o corpo nitidamente mais rígido. Estava nervoso, mas as mãos algemadas não tremiam. Manteve-se em silêncio enquanto me fitava por trás das lentes dos óculos que agora se embaçavam. Inclinei-me na cadeira de ferro, o silêncio seguiu. “Ô Batata, sai e fala pro Machado comprar álcool gel”. Batata olhou

por dentro da touca ninja um tanto surpreso. “Do grande ou do pequeno, patrão?”.

Virei-me novamente para o professor ainda calado e, olhando para ele, comecei a polir minha 45 usando um guardanapo velho que estava em cima da mesa de centro. Enquanto polia a arma prateada de empunhadura preta, comecei a cantarolar: “Ô Maura/Vem matar minha saudade/Não tenho felicidade/Desde o dia em que me abandonou ...” Fiz uma pausa e resolvi consultá-lo: “É Maura ou Laura? Gosta de Luiz Melodia, professor? Acho que é LAURA, né?”, ao que ele respondeu gritando: “Você não toca na minha mulher!”. Pela primeira vez naquela noite eu vi o professor Nicolelis se descontrolar. Soltei um riso de desprezo e deixei a pistola equilibrada em cima da coxa. “Bem que me disseram que o senhor era um cara inteligente. Escuta, ninguém vai tocar na sua mulher, é só você fazer o que está sendo pedido. Se continuar de palavra difícil e sem cooperar, você vai levar uma bala na cabeça e eu vou te esquecer aqui nesse muquifo. Na verdade, a coisa é bem simples”. Levantei-me, contornei a mesa de centro, encostei o cano da pistola na testa do cientista e continuei o movimento. “Deu pra entender... Miguelzinho?”. Então me assustei novamente com sua reação, tudo nele parecia despropositado: “Se afasta! Eu preciso tossir!”, e se engasga. Afastei-me com rapidez e fiquei em pé ao lado da cadeira. Ele tossiu. Batata abriu a porta. “Machado foi comprar o alquingel, patrão”. Voltei-me novamente para o professor: “E aí, professor, posso chamar a equipe?”.

Por cima da máscara, Nicolelis olhou fixamente para a minha cara. Nada disse. Abaixou a cabeça e mirou a mesa de centro. “Em primeiro lugar, você precisa me garantir que nada vai acontecer nem a Laura, nem à minha família”, ele iniciou. “É só cooperar, pro-

fessor”. Nicolelis parou por um instante. Olhou para mim e assim se manteve, sem desviar o olhar. “Em segundo lugar, já que vou fazer um vídeo desdizendo o que eu disse até aqui, já que estou sendo obrigado a mentir, acho justo que você seja obrigado a ouvir a verdade antes. É isso, essas são minhas condições”. “Como assim ouvir a verdade?”, perguntei, realmente sem entender o que aquele cientista, um tanto maluco agora, estava propondo. “Ouvir a verdade. Antes de você chamar a sua equipe, você me dá cinco minutos para eu te explicar o que está de fato acontecendo no Brasil e no mundo, coisa que o seu chefe não te contou. Ou é isso ou você me mata e está tudo resolvido, mas aí não tem vídeo. E outra coisa, eu posso muito bem gravar esse vídeo agora com vocês e depois procurar a imprensa e desmentir”.

Eu realmente não entendi o que o professor queria com aquilo, certamente ele queria chegar em algum lugar, me disseram que o cara era um gênio. Ainda que desconfiado, pensei bem e percebi que a operação não corria um risco real. Só um atraso de cinco minutos, dez, no máximo. Ele estava calmo, seja dita a verdade, e mais, ousaria dizer que o professor parecia estar estranhamente seguro para quem estava diante de uma pistola, sendo ameaçado de morte. Sequestro tem dessas coisas. Bom, essa gente não acredita em Deus, talvez não tivesse medo da morte, vai entender. Demorei-me alguns minutos em silêncio olhando para aquela barba saltada para fora da máscara, cocei a cabeça e finalmente disse a ele: “Tudo bem. Você precisa de cinco minutos?”, “Talvez um pouquinho mais”, ele sustentou. “Não vai acontecer nada a Laura, ela está em casa, vou te dar esses cinco minutos pra você falar o que você quer falar, e aí, depois, eu vou chamar a equipe e você vai gravar A PORRA DESSE VÍDEO! Tá entendido? Se procurar a imprensa e desmentir, se fizer isso, morre você, morre a Laura,

morrem seus filhos! Entendido?”. O professor confirmou e, quando me afastei, Nicolelis pareceu se ajeitar na poltrona e anunciou: “Batata, vai ter palestra”. “Não é bem uma palestra”, “Começa a falar aí, vai”. “Esse vídeo que você está me pedindo pra gravar é uma coisa muito...muito perigosa”, “Professor, isso faz parte da explicação?!”. “Vou começar, então. Veja, o que eu queria dizer é que nós estamos numa pandemia. O vírus surgiu na China, mas a doença não é chinesa, achar isso é xenofobia”. “Xenofobia o quê? Não entendi”, interrompi. “Preconceito. Veja você: da China, a patologia veio para o Brasil, afetando todos os continentes, todos os países. Sobre a covid-19 ser uma pandemia, isso foi uma declaração da OMS, não sou eu que estou dizendo. E sabe qual é o grande problema? É que conhecemos pouquíssimo a respeito do novo vírus, mas sabemos o que ele tem feito, conhecemos cada vez mais seu poder letal, está me acompanhando?” Fiz que sim com a cabeça. “E você?”, ele perguntou, voltando-se ao Batata. “Tô ligado”. Nicolelis prosseguiu: “Já sabemos que a velocidade de transmissão do vírus é muito maior do que a de outros vírus que já conhecíamos, e por isso a insistência na máscara, além do que, não existe esse tal ‘tratamento precoce’, Cloroquina, Ivermectina, esses são remédios para outras doenças, não para esta. Pois bem. Achávamos que se tratava de uma doença respiratória. Como a pneumonia, sabe a pneumonia? Então. Agora vemos que ela é uma doença sistêmica. E antes que você me pergunte, te explico que doença sistêmica nada mais é do que uma doença que afeta diversas partes do corpo e que pode gerar sequelas variadas”. Nicolelis fez uma pausa e acenei com a cabeça, sinalizando para que continuasse. Apesar de não entender todas as palavras, estava entendendo o sentido da coisa. Ele recomeçou a palestra: “Pessoas afetadas por covid-19 têm problemas renais, por exemplo. Outras têm problemas cardíacos”.

cos. Há manifestações da doença ligadas à trombose. Há sintomas de gripe e há de perda de olfato e de paladar. Algumas pessoas ficam sem olfato, não sentem o cheiro de absolutamente nada e depois voltam ao normal. Mas, há pessoas que até hoje não se recuperaram. De qualquer modo, quase quatrocentas mil pessoas já morreram no Brasil. Tudo isso devido à pandemia. E se as coisas continuarem como estão teremos não só um colapso hospitalar como um colapso funerário, pessoas serão enterradas em valas comuns, vai faltar caixão para enterros dignos”. Ouvir aquela parte dos caixões me deixou assustado. “Isso tudo poderia ser evitado se as medidas restritivas fossem levadas a sério”. O professor parou de falar subitamente e perguntou, alternando seu olhar entre o Batata e eu. “Vocês estão entendendo a gravidade da coisa?”. De repente, Nicolelis se interrompeu estranhamente desconcentrado. “PUTZ! QUE CHEIRO É ESSE? CARALHO, COISA HORRÍVEL”, gritou o Batata de repente. Devo confessar que eu havia peidado um peido quente há alguns instantes, mas como não me incomodou, continuei ouvindo a explicação do professor, e até estava achando interessante. Aquele parecia um peido ninja, silencioso, mas mortal, e, ao que tudo indicava, não tinha fedido do jeito que eu imaginava. Para minha surpresa, o vento de cemitério foi bater lá no Batata. “Pelo amor de Deus! Foi o senhor, professor? Deita que tá pra morrer...Nossa Senhora...Tá nervoso?”, Batata continuava a reclamar. “Não, não fui eu, não”. disse Nicolelis, com dignidade e já tampando o nariz por dentro da máscara. “Tá fedendo aí, professor?”, perguntei, e ele fez que sim. “Porra! Todo mundo sente o cheiro do meu peido menos eu?”, “Você não está sentindo esse cheiro?”, o professor me perguntou, e eu repeti que nada sentia, quando então ele olhou por dentro da touca ninja do Batata e depois para mim. “Algumas pessoas ficam sem olfato, não sentem o

cheiro de absolutamente nada”, lembrei como um flashback. “Isso pode ser covid-19, professor?”, “Pode”, respondeu. “Caralho... CARALHO!”, gritei, e Nicolelis pediu para que eu me acalmasse. “Mas essa porra matou o meu pai!”, acabei falando. “Olha, você precisa me ouvir, eu sou médico e tenho estudado a fundo a doença. O problema desse sintoma que você está tendo é o que chamamos em medicina vulgarmente de ‘manta negra’, que é quando o paciente perde olfato e paladar e só se dá conta que está com covid-19 quando perde a capacidade pulmonar subitamente, por isso esse estado é dos mais preocupantes. O termo ‘manta negra’ se deve ao fato de o pulmão ser tomado silenciosamente por uma quantidade importante de lesões que são descobertas todas de uma só vez e o que acaba acontecendo é que a pessoa precisa ser intubada com urgência, porque ocorre a chamada asfixia súbita, também conhecida como ‘apneia de Morgan’, que é quase sempre fatal. Você precisa ir para um hospital. Agora”, sentenciou Nicolelis, “Agora?!”, respondi, sem acreditar naquilo. “Sim, agora, você está correndo risco de morte, é sério”. “Mas os hospitais não estão lotados?! O senhor não falou em colapso?”. Nicolelis parecia preocupado, mas, como sempre, controlado, e foi dizendo: “Olha, vamos ter um pouco de calma, conheço um pessoal na Secretaria de Saúde e posso pedir para te encaixarem, a gente tem como resolver isso”. “O senhor faria isso?”. Um momento de silêncio se fez novamente no quarto, Batata olhou para Nicolelis, que se virou novamente para mim. “Faria. Sem algemas, faria”.

Um jogador sabe reconhecer um xeque-mate, e eu era um bom jogador. A operação caía por terra ali. O peido, embora seja um crime impossível de ser provado, pode trazer consequências desastrosas a quem o comete. Se eu estava para ser intubado e não sabia, podia morrer, então não fazia sentido nenhum matar

alguém que poderia salvar a minha vida. Nicolelis se levantou e voltou a me olhar, eu estava desconcertado. Batata permanecia mudo, alternando o olhar entre mim e o professor, que estendeu os pulsos algemados.

“Batata, pega as chaves e solta esse cara!”. ordenei sem pestanejar. “Mas patrão!?”, “Não tem mais nem meio mais, eu não vou morrer afogado no seco defendendo esses filhos da puta. Estamos em uma pandemia!”, aderi. Batata pegou as chaves com Machado e eu mesmo tirei as algemas do professor, que tocou os pulsos alternando as mãos. “Me dê um telefone”, pediu. Tirei do bolso o meu próprio celular e estendi na sua direção. “Álcool gel”, ele disse, técnico. Com frasco de álcool gel na mão, Nicolelis higienizou o telefone e discou. Um instante infinito se deu.

* * *

Sobrevivi à covid-19 e descobri que a tal “manta negra” não existe. Na verdade, eu era um caso brando. Se sobrevivesse, seria preso, sabia disso, e de fato fui. Para mim, o pior mesmo foi ter sido internado antes no hospício da Água Funda por ter tentado convencer os médicos da emergência do Vila Penteadado que eu havia sequestrado o Miguel Nicolelis e ele tinha me dito que eu poderia morrer de “apneia de Morgan”. Ser preso, no meu ramo, é uma coisa que pode acontecer, mas dormir amarrado com cordas de quimono gritando “CARECA MENTIROSO!”, cheio de Haldol injetável na cabeça, essa parte eu cancelaria. O caso ficou famoso e tive que me afastar do mercado. Fiz um acordo com o Flávio e quando sair vou me mudar para Glicério, ninguém sabe quem é Miguel Nicolelis por aquelas bandas.



MÁQUINA DE LAVAR

Izabella Cristina Cristo Cunha

Um feixe de luz corta o seu rosto. Abre os olhos e com a vista turva sente o movimento ondular da cortina azul.

É verão. O sol teima em despertar antes.

Alguém deixou uma fresta na janela. A luz entrou e não teve jeito. Acorda mais cedo, mesmo sem querer. Não quer começar o dia ainda. Tem uma longa jornada de mulher pela frente.

Pisca um pouco. A vista melhora. Olha para o lado, como estátua, sem se mexer. O menino está lindo e deslumbrante, deitado no seu ombro. Respira um ronquinho de energia de paz. Parece um anjo.

Ninguém sabe o quanto, mas ele se remexe um bocado à noite. Revira e dá tantas voltas, que parece ser o parafuso no colchão envolto de mantas. Mas sempre para a cabeça e os braços fungando na direção da mãe. Todas as madrugadas, ele a acorda em algum momento. Tem sono leve. Sono de mãe recém-nascida que não possui ainda ouvidos surdos para qualquer revelia.

Quer fazer xixi. Decide que é hora de se mover. Com movimentos de malabarista treinada, segura a cabeça do menino e

retira delicadamente o seu braço que estava por debaixo do corpo dele. O menino remexe, mas não acorda. Sente um alívio.

Ainda com movimentos de circo, sai sorrateira do colchão. Pisa no chão frio com meia sola do pé.

Faz xixi sem dar a descarga. Pega o celular e encosta a porta do quarto do anjo. Continua a andar pela casa como pisando em nuvens de plumas até fechar a porta do corredor, que isola os quartos.

Esquenta a água na cozinha. Faz um café forte para o marido. Deixa água medida na chaleira para a mamadeira que ele há de esquentar mais tarde. Lembra de tirar a carne do congelador para o almoço.

O gato preto mia enroscando-se aos seus pés. Enche o pote com um pouco de ração fresca. Troca a água dos gatos e pensa que gato também tem fome e sede. Lembra da caixa de areia e segue então até a área de serviço. Pega a pá, cava e joga os resquí-cios do gato no vaso. Agradece aos outros cientistas que inventaram a areia biológica. Se sente bem por não estar contaminando o mundo com mais sílica. Sente orgulho da ciência.

Lembra do tempo do mestrado, quando ainda fazia estudos com ratos. Separava os dejetos dos ratinhos *Wistar* em meio à serragem das gaiolas. O cheiro da urina dos ratos era mil vezes mais forte; uma invasão de amônia nas narinas que penetrava até o fundo do cérebro. Agradece não precisar mais fazer aquilo hoje em dia.

Dá a descarga sem medo do alto barulho. Enxerga a sua toalha estendida no varal e decide tomar banho no chuveiro da área

de serviço. Assim, não corre o risco de acordar os seus dois homens que ainda dormem na casa.

Toma o banho meio quente. Lava os cabelos crespos com plenitude. A água escorre por sua pele jambo, como uma calda de prazer da cabeça aos pés. Se sente viva. Enxuga o corpo, recebe com um arrepio o sopro levemente gelado. Lembra do frio do clima e das pessoas durante os dois anos que morou fora, quando cursava o doutorado. Não sente saudades. Agradece o verão do Brasil.

O estômago ronca um pouco, mas fica alegre. Vai tomar café com calma. Agradece ter acordado mais cedo.

Ainda enrolada na toalha, com passos similares ao do gato, retorna ao corredor, mas desta vez anda em direção ao seu quarto. O marido dorme espichado na cama, de boca aberta. Dentro do peito ela sorri. Ama um pouco mais o gentil marido. É dos poucos homens que tem a consciência que ela não é nem um pouco invisível.

Ela se veste. Sai do quarto, mas antes de chegar à porta do corredor ouve um “mamãe” e grunhidos. Anda rápido para o quarto do menino e o pega nos braços. Dá bom dia, um longo abraço e um fungado. Leva para a sala e fecha a porta do corredor delicadamente.

Larga o menino em meio aos brinquedos da sala. Ele pega dois carrinhos enquanto o gato preto se mete entre eles. Ela aproveita a calma e vai para a cozinha. Esquenta a água da mamadeira. Antes mesmo de terminar de misturar o leite, ouve passinhos saltitantes. O pequeno invade a cozinha, grunhi e aponta

para cima. Ela dá a mamadeira para o loirinho. Ele volta para a sala com a mamadeira pendurada entre os dentes.

Ajeita a mesa do café da manhã. Checa o celular. Responde ao bom dia das colegas de laboratório. Notícias de alarde sobre a pandemia. Agenda o pagamento do boleto do condomínio. Verifica a caixa de e-mails. A conferência sobre o estudo do genoma do coronavírus está confirmada. Devido à diferença de fusos horários dos participantes, será uma hora mais cedo do que se lembrava. Já está atrasada.

O marido surge na cozinha. Uma onda de alívio a invade. Ele diz bom dia e lhe dá um rápido beijo molhado e vai para a sala brincar com o menino.

Ela toma o café de um gole só. Tira foto da lista de compras anotadas na porta da geladeira enquanto atravessa a cozinha. Pega a bolsa, o computador e as chaves do carro. Dá um fungado no menino e um beijo seco no marido. Coloca a máscara e sai apressada.

Desce as escadas. No celular, a caminho do carro, revisa o artigo e os dados a apresentar na conferência. Relembra com orgulho o processo corrido que foi mapear o primeiro genoma do coronavírus no Brasil. Em menos de dois dias, o genoma estava todo decodificado. Foi um recorde mundial.

Chega na garagem, onde encontra o funcionário da limpeza e o cumprimenta. Ele é sempre muito simpático. Acha nobre os humanos que trabalham com a higiene do mundo. Agradece por ele existir e estar ali.

Entra com aperto no seu carro cinza pequenino. Quer xingar o vizinho que estaciona muito próximo da faixa.

Manobra hábil na garagem apertada. Aprendeu a dirigir depois de adulta, quando tinha algum dinheiro sobrando para isso. Sabe que dirige bem. Não comprou a carteira, como a maioria dos seus amigos próximos. Sobe habilidosa as rampas que encontra nas ruas e na vida.

Enfrenta um pouco de trânsito. Um motoqueiro passa resvalando o retrovisor da esquerda, ameaça chutar o carro e a xinga. Ela amaldiçoa os homens. Quer que todos os motoqueiros sejam atropelados e quebrem a perna.

Respira fundo. Estaciona com tranquilidade no largo pátio da universidade. Escuta eco ao som do alarme do carro. O campus, antes tão cheio de vida, passos e cores, agora é um vasto silêncio.

Sabe do risco de sair, mas prefere fazer a conferência do trabalho. Em casa, não consegue se dedicar com atenção com o menino no seu pé. Após o laboratório, iria para o hospital de qualquer jeito. Também, pensa, já foi vacinada. Tem receio, mas acha que o seu papel mais importante é o do enfrentamento. Sente-se como uma peça fundamental no xadrez da guerra contra o vírus. Ama a ciência e quer provar para o mundo o que uma mulher é capaz.

Entra na sua pequena sala e liga direto o computador, que demora mais do que o necessário. Coloca o fone de ouvido.

Adentra a sala da conferência on-line. Repara que é a única mulher.

Doutor Charles, da Universidade de Washington, pergunta quando *doctor* Silva vai entrar. Ela responde: "*I'm here*". Charles,

lá de Washington, levanta as sobrancelhas em breve espanto e mesmo através da tela sente-se o peso do ar de desconcerto. Por dentro, ela se diverte. Já está vacinada contra o vírus do preconceito há muito tempo. Desde criança fora acostumada com a incredulidade dos adultos quando dizia que seria cientista. Passou bem pelos olhares estranhos e sobreviveu às piadas dos colegas da faculdade.

Ela discursa e quem ouve, nota um brilho extra na tela. Apresenta os dados atualizados do genoma das novas variantes do vírus. Repara de permeio alguns rostos impressionados. Responde perguntas. Anota tópicos. Nota poucas cabeças em movimento. Responde a mais questionamentos. Eles trocam notícias. Concorde em participar da pesquisa com dados cruzados das novas variações em outros continentes. Combinam os recursos. Tem a consciência de meses de trabalho árduo à frente.

Terminada a conferência, fecha o computador com orgulho. Segue ao laboratório, onde a aguardam alguns alunos e duas colegas do projeto.

O dia passa rápido. Atualiza os dados da pesquisa. Faz um novo treinamento dos alunos. Registra os dados dos testes do dia. Vê de relance as notícias. Lamenta o número de mortos. Sente-se uma pessoa útil. Anda entre universidade e hospital com o orgulho de ser uma boa arma humana num mundo de pandemia.

Meio da tarde, terminada as grandes missões do dia, decide voltar para casa mais cedo. Quer passar antes no mercado.

Olha as prateleiras e acha tudo muito caro. A bolsa do doutorado ajuda, mas o menor número de pacientes para consultas despencou o seu orçamento. Agradece o emprego do marido, de

home office. Pelo menos ele tem a carteira assinada e garante o plano de saúde.

Carrega as compras com gosto e as joga no porta-malas. O sol teima em repousar antes. Chega em casa cedo, mas parece noite. Tem certeza de que a babá já foi embora.

Dá graças a Deus que o vizinho do lado não está e estaciona de frente, para ficar mais fácil de pegar as compras no porta-malas. Pega todos os sacos de uma vez. Aperta o botão do elevador com o cotovelo.

Adentra pela cozinha, retira os sapatos e os leva para a área de serviço. Ouve um grunhido vindo da sala. “Mamãe”. “Quem chegou?”. Passos de alegria. Tira a roupa veloz e nua, vai se lavar no banheirinho da área de serviço. O menino e, logo atrás, o marido batem à porta. Não tem mais direito à privacidade. Está acostumada.

O menino chuta água com alegria. Ela sorri. O marido pega o menino aos sons de birra e o carrega para a sala. Fecha o chuveiro. Enxuga a pele de qualquer jeito e se enrola na toalha.

Atravessa correndo a cozinha em direção ao quarto ainda a tempo de ver a enorme pilha de louça suja na pia.



O DIA EM QUE O PRESIDENTE COMEU MINHA MÃE

Helvécio Furtado Junior

“O senhor me desculpe, mas o governo tem mais o que fazer do que cuidar dos seus problemas”, me disse o recepcionista. Retruquei que a minha mãe já estava aprovada para receber o auxílio emergencial, faltava só liberarem o dinheiro. “O sistema diz: benefício negado, código 17”. “Que porra é essa?”. “É quando o beneficiário consta como já falecido. Aí o valor retorna pros cofres públicos”. “A minha mãe não morreu. Tá internada com a febre bovina, mas vai se recuperar”. “Aqui consta como falecida”. Eu já ia dizendo que alguém teria me avisado, mas antes, chequei o celular. Duas chamadas perdidas. Do hospital.

Caminhei até lá. Após cinco horas dividindo oxigênio com incontáveis pestilentos, descobri que o corpo havia sido encaminhado para o Instituto Médico Legal. Sem avisar nem pedir licença? “Se o senhor tivesse atendido o telefone, estaria sabendo”, respondeu quem me atendia. Fiquei vermelho, mas antes que pudesse começar uma treta, já haviam chamado o próximo, que me jogou para escanteio com a sua urgência.

Parei embaixo da marquise do hospital, onde estranhos com variadas síndromes respiratórias iam fumar. Rasguei a máscara e a joguei no chão. Ali estava uma senhora de idade, fumando cigar-

ro barato. A máscara que cobria o rosto dela do nariz para baixo tinha uma mancha amarelada no centro. Ela tirou a máscara e tragou o cigarro. Cobriu novamente a boca para tossir. O nosso olhar se encontrou. “Você vai ficar doente com essa boca de fora”, disse soltando fumaça pela máscara. A ironia me atordoou. A revolta me reativou. Colei o meu rosto no dela e vi o olhar de pavor por ter chamado a minha atenção. “Vai, tosse. Tosse na minha boca”, pensei, disse para mim mesmo, disse a ela. Abri a boca e fiquei esperando. “Sopra pra dentro do pai, vai”, pensei, disse para mim mesmo, disse a ela. A velhota se levantou e fugiu. Peguei o cigarro que ela deixou cair e dei um trago. Olhei em volta. Já tinha gente de pé, querendo manter a ordem para cima de mim. Saí depressa, baforando o meu espólio. Mais adiante, apaguei a brasa no calo da língua. Devia me jogar da ponte ou buscar mamãe? Parti para o IML só porque estava mais perto.

Andei por uma hora e meia na noite moribunda. Mesmo no início da madrugada, o instituto estava tão lotado quanto os outros serviços de saúde. Sentei-me na cadeira plástica da recepção e comecei a balançar a perna furiosamente, sacudindo comigo toda a fileira de assentos grudados ao meu por um eixo torto. Um a um, meus vizinhos de cadeira saíram em busca de lugares mais tranquilos. Ficou uma moça na extremidade oposta à minha. Encarava-me, recriminando com o olhar a minha agitação ou talvez a ausência de máscara. O plano dela era me fazer parar com um olhar severo. Cocei o saco e a encarei de volta. Ela fez cara de nojo, se levantou e saiu. Quando passou por mim, murmurou “escroto”. “É lá que coça”, gritei. Gargalhei. Naquele momento, eu era pura revolta, que vinha ganhando mais e mais massa no espaço limitado de um coração de homem, até endurecer que nem o

núcleo da terra ou pus dentro de um folículo inflamado. Aquela inquietude era filha do marasmo. Dos meses que passei me deixando foder pelo *lockdown* meia-bomba, enlouquecendo pela impossibilidade de reagir, violentamente de preferência, às novas e arbitrárias regras. Para evitar a doença não funcionou, mas serviu para me enlouquecer.

Enquanto esperava a liberação do corpo, notei que o som do metal reagindo à minha perna inquieta formava uma cadência peculiar, produzindo um ritmo quando acompanhada pelo murmúrio dos presentes e pela tosse dos infectados. Em mais de uma ocasião, o acesso de tosse ou de choro de alguém a esperar cadáveres, como uma percussão metálica que inventei de tocar com a perna. A longa espera me convidou à prática. Fui pegando o jeito das cadeiras enquanto a noite se arrastava. Era a sinfonia da pandemia. Um cara chorava, uma mulher tossia, o idoso reclamava e a minha perna batia. Só eu ouvia a melodia. Reger a sinfonia me fez esquecer por algum tempo onde eu estava. Aí, chamaram a minha mãe pelo sobrenome errado.

O sol já tinha nascido. Por causa da confusão com a identidade, chamaram o supervisor, que me levou até mamãe com a banalidade frívola que aquela morte anônima demandava. Entregou um caixão selado e um atestado de óbito. Informou, embora eu já soubesse, que o governo não suportava mais sepultar todo mundo. Fiz que ia brigar, quis erguer a voz, exigir dignidade. “Cara, todo dia eu sei que vou acabar morrendo dessa merda, e venho trabalhar mesmo assim. Fica na tua”, me disse, fungando entre pigarros. Resignado e fodido, coloquei a velha num carrinho desses de comida, que estava dando sopa pelo corredor. Empurrei a caixa preta até a porta do instituto. Chamei um Uber. O cara sacou o lo-

cal de origem e veio prevenido. O porta-malas estava totalmente coberto com plástico esterilizado. O motorista também.

Durante o trajeto, a minha mente passeava entre o estupor e a catarse. Contei dois ou três corpos caídos na calçada, esperando a caçamba. Perto do centro, fui notando as figuras matinais que pouco a pouco iam constituindo a aglomeração quotidiana daquelas praças. Um rapaz caminhava como se fosse um ninja, todo trabalhado em acessórios de um preto estéril. Pelo Camelódromo, mulheres montavam suas barraquinhas e vendiam máscaras de oncinha, tigradas ou zebreadas em rosa e preto. “É o fim do mundo”, informei ao motorista. “Que nada! Tem tanta coisa que mata mais... Daqui a pouco isso passa”, respondeu.

Cheguei na porta do prédio. Cocei a cabeça quando o Uber abriu o porta-malas. “A maioria só fode o lacre e carrega o corpo nas costas”, testemunhou. Engoli em seco. Arrastei o esquite para fora do carro. Procurei na tampa daquela merda um ponto fraco para bater. Veio passando o caçambão da vigilância sanitária, recolhendo quem morria na rua. Achei o selo de plástico fundido, meti alguns pisões até quebrá-lo. Ia puxando de dentro o saco azul contendo mamãe, quando o motorista do caminhão parou do meu lado. Indagou se eu ia deixar o cadáver ali na sarjeta. “Se eu deixar, vocês levam?”, perguntei. O servidor me disse que o certo era levar só indigente, mas que por uma ajuda de custo eles colocavam junto com os mendigos e tudo virava fumaça no crematório de campanha. Recusei e ele partiu, não sem antes me taxar de ingrato e avaro.

Joguei mamãe nas costas. O porteiro me segurou por um instante. Apontou um aparelho à minha testa, bipou e me deixou

seguir viagem. “Ninguém entra sem esterilizar”, disse com sotaque gaúcho. Senti mamãe por dentro do saco. Já começava a suar sob o peso do cadáver. Esfreguei os dedos borrifados de álcool até satisfazer o porteiro e subi quatro andares carregando quinze arrobos de carne velha. Sim, porque gente morta parece que pesa mais. Quando minha carcaça superaquecida e suarenta chegou na porta do apartamento, só queria beber alguma coisa. O pensamento foi buscar uma cerveja. No mesmo instante a voz do AA me censurou e me ofereceu um copo d’água. Depois veio o arrependimento por ter parado de beber. Para quê? O que poderia ficar pior? Consegui me ater à civilidade e foquei na água.

Tomei água escorado na geladeira e olhando para o freezer de carnes. Bateu desespero. Corri para o banheiro, molhei o rosto, me olhei no espelho e pensei em chorar. Ridícula a cara de choro do homem barbado. Porra nenhuma! Não sentia pesar nem por mamãe nem pela humanidade, somente aquela revolta misantrópica me dando certeza de que a praga era o caminho natural das coisas. Uma limpeza espiritual. Quero dizer, a humanidade até tinha ido longe, considerados os nossos maus hábitos. Realmente lamentável era o *fake* pranto, a obrigação sentimental imposta pelas vozes das mesmas pessoas que sempre cagaram para a contagem de corpos. Esse sentimentalismo atravessado e pavoneante, que obriga o outro a obedecer ao doer-se por ele, o governo aprendeu com as mães. Por isso, me recusei a fingir para mim mesmo que mamãe morta me feria. Eu já não lhe devia nada. Ajoelhei, abracei a privada velha e amiga e vomitei até me sentir limpo. Voltei para a sala, me sentei de frente para o opaco saco azul. Fitei-o por horas, até que o impacto emocional amolecasse

com o calor da tarde. Uma mosca veio e pousou no pacote. Eu ia ter que por mamãe no freezer.

Abri o congelador e me surpreendi com a quantidade de carne estocada. Tirei todas as peças, comentando o exagero com a velha morta. Depois, arranquei os suportes de alumínio. Rasguei a embalagem, retirei o corpo nu e o estoquei abraçando os próprios joelhos. Ocupou bem menos espaço do que eu imaginara. Fechei a tampa. Olhei a pilha enorme de carne em cima da mesa. Ela realmente havia se preparado para a quarentena. Deixei tudo descongelando no calor da cozinha, e fui tomar banho. A água corrente relaxou o meu corpo e percebi como estava exausto. Sai do chuveiro e apaguei na cama.

Levantei-me e voltei ao banheiro. Liguei novamente o chuveiro. Água corrente me ajuda a relaxar quando me sento na privada. Mamãe sempre ficava de butuca ouvindo, e sabia dizer pelo barulho da água se eu estava mesmo tomando banho ou sentado na privada “desperdiçando”. Tentei me distrair com o celular, mas a mente foi se inundando com uma profunda inveja dela. Finalmente havia dado o fora desse lugar opressivo, cheio de gente que faz mal sem perceber, ou que percebe e não liga, enquanto eu, se fosse bem azarado, sobreviveria para lidar com a merda social que se seguiria à peste: arrocho, fome e autoritarismo. E a sorte da velha ainda era problema meu. Como é que eu ia enterrar a minha mãe, sem governo e nem dinheiro?

Vi-me no dia em que parei de beber. O cliente reclamando do meu bafo, Rubens demandando explicação. As vozes se alterando, confusão. O tapa na cara do chefe. Sacudi a cabeça dispersando a memória. O meu dedo rolou o *feed*, descansando sozinho sobre

o contato do ex-chefe. O coração começou a martelar. Lembrei do pedido de desculpas, durante a ressocialização. Será que isso mudava alguma coisa? Liguei. Atendeu.

Trocamos cumprimentos frios. “O Bella Gulla está funcionando?”, “Não”. “E o buffet, tá fazendo eventos?”. Silêncio. “A quarentena tá fodendo todo mundo”, disse eu. “Que quarentena? Se não fosse o exército racionando tudo, eu tava funcionando”. “Ainda tem gente fazendo evento?”. Senti Rubens hesitando do outro lado. “Escuta, tu tá precisando de alguma coisa?”, foi a resposta. “Cara... minha mãe acabou de morrer. Preciso de uma bebida”.

Nem sei como isso saiu. Racionalmente, eu queria pedir um emprego, mas na hora me veio à mente as caixas e caixas de variadas e deliciosas bebidas estocadas no buffet. “Olha, sinto muito pela sua *perca*, mas tu não devias voltar pra esse mundo. Só vai piorar teus problemas”, respondeu Rubens. “O quê que tu sabes dos meus problemas?”, fui ríspido. “Tu saístes na rua esses dias? Não sou eu que tenho problema”. Desliguei, meio assustado. O que se pode dizer da sanidade de quem não consegue controlar o que sai da própria boca?

A cozinha cheirava a assassinato. Respirei fundo. Primeiro, fui encaixando as peças moles e gotejantes no congelador da geladeira. Coube uns dez quilos. O resto podia perder ou dividir o espaço com mamãe. Abri o caixão gelado. Cristaizinhos estavam se formando nos cílios dela. Aquele era mesmo um bom equipamento, reparei. *Reliable*, se estivéssemos na América. Sem muita convicção, fui cobrindo-a de cortes suínos, bovinos e aves. Quando terminei, somente o cocuruto grisalho emergia daquela pilha de carne. Era quase um monumento mortuário da idade da pedra.

Nesse caso, idade da carne. Servi-me um copo de suco que não matou minha sede, e passei o resto do dia cozinhando o que não ia dar para congelar.

Fiquei isolado no apartamento por quatro dias antes de pirar e sair à caça de bebida. Estava sumariamente decidido a abandonar a vida abstinência, porque ninguém se importava comigo ou com mamãe, e o que eu lia na internet reafirmava a certeza de que futuro não haveria. O esforço psíquico necessário para manter-me sóbrio era, então, sofrimento puro e sem propósito. Cheguei no hipermercado para gastar o que eu tinha em cachaça, mas uns milicianos me interpelaram na guarita de entrada, me deram uns sopapos por eu estar sem a máscara e me multaram. O Sargento bigode sacou uma maquininha de cartão, me obrigando a pagar na hora. Depois limpou os botões com um lenço umedecido, porque o sujo era eu.

Dolorido e derrotado, manquei a esmo procurando um bar aberto, mas não havia nenhum. Quando anoiteceu, voltei para a casa de ônibus, porque o que restava no cartão não dava para Uber. Sentei-me do lado do único passageiro, que não parava de tossir. O maluco parecia querer sumir pela janela, e tossia pedindo perdão, olhando esbugalhado para mim, escoriado, sem máscara e sem medo ao seu lado. Se depois eu me sentei em outro lugar foi porque me repugnava sua postura inferior. “Desculpa, perdão, desculpa”. “Tá pedindo desculpa por quê? Tá fazendo de propósito?”.

Em casa, percebi que a carne pronta finalmente havia acabado. Eu teria que cozinhar alguma coisa. Abri o freezer. Não fui metendo a mão e erguendo a tampa, rolou um certo medo do mistério. Era a primeira vez que eu mexia ali desde que deixara a mi-

nha mãe com as pancetas e os contrafilés. Na hora da real, percebi aliviado que não sentia nada. Mamãe também não havia mudado para além de um pouquinho de gelo grudando na cabeleira. Isso me deu paz de espírito para perscrutar as carnes e fazer um levantamento daquilo que eu herdara. “O que a Senhora comprou, mãe?”, ela não respondeu, embora eu pudesse ouvir sua voz em minha mente enquanto lia as etiquetas. “Uma picanha, três quilos de linguiça toscana, cinco de acém moído...”. Fiz uma matemática mental e imaginei que eu tinha mais carne do que eu podia consumir. Muita coisa cara também. Com o preço que os alimentos estavam chegando, talvez alguém estivesse interessado em trocar um pouco por birita. Pensei no Rubens. Ele tinha mesmo dado uma deixa sobre a falta de suprimentos, mas eu ficava vermelho só de pensar no nome. Por algum motivo, eu sempre vacilava com ele. O mano se compadecia e tinha me dado várias oportunidades. Eu estava prestes a pedir ele outra. A oportunidade de um porre a troco de carne.

“Rubens?”, fiquei surpreso só de ele atender. “Sou eu. Cê falou que tá sem estoque. Tenho umas peças de carne pra passar pra frente. Tem picanha, filé, contrafilé... E tu tá pedindo quanto? Tu tens o quê de bebida?”.

Desligou na minha cara. Demorou dois dias para pensar melhor e ligar de volta. Veio fazer o escambo no início da noite. Entreguei tudo menos a carne moída por duas caixas de Caninha da Boa, um Cavallo Branco e três fardinhos de cerveja *long neck*. Dei um goloço antes mesmo de fechar a porta. Vi no olhar do Rubens que ele se sentia mal por fazer aquilo comigo, o que fez eu me sentir melhor.

A melhor bebedeira que existe é a da recaída. É a segunda chance dos incorrigíveis, é sair da cadeia, é a primeira noite do casal que reata. A resistência está dissipada, o efeito vem no máximo e a sensação de dignidade indo para o buraco adiciona uma vertigem irresistível, que combina com a onda do álcool por excelência. Dez dias eu passei dentro de mim mesmo, descolado do corpo através da bebida, tagarelando com a minha velha sobre tudo. Depois de morta, parou de julgar meus porres e, portanto, podíamos botar o papo em dia.

Eu me sentei à mesa ao lado do freezer e abri a tampa. Iniciei os trabalhos. Ia bebendo e comentando o que via na net. Vi uma foto da nossa elite reunida para comemorar mais meia dúzia de direitos arrancados do povo por causa de banco. Os velhotes se abraçavam e cumprimentavam, alheios à doença que grassava. Posts depois, o textão de um ex-colega denunciava como a pandemia se alastrara dos ricos para os pobres e como mesmo se infectando menos, a baixa renda morria mais. “Por isso que os caras não ligam. Disso eles não morrem”. Pensei na porra da vizinha, que não parava de tossir. “Quando é que vai chegar a minha vez, hein mãe?”. Eu ainda estava forte como um cavalo. “Por que que esses caras são tão filhos da puta? Me responde só essa. Por que somos tão ruins uns com os outros, mãe? Porque é que tu me botaste nessa, sua arrombada?”. Percebi que estava de pé, gritando. “Olha a boca, rapaz!”, gritou a velha do outro lado da parede. Não consegui me decidir com qual insulto retribuir, então abri mais uma lata e tomei um longo gole. Escorei-me no freezer. “Sabe, mãe. Alguém tinha que ser nefasto, ruim, baixo com esses caras como eles são com o resto de nós. Só uma vez, pra eles saberem”.

“Te falar... Tu tá bem?”. Era o Rubens, me ligando. “Saudável? Sim”. “Tá interessado em cobrir um evento?”. Tirei o celular da orelha para me certificar de que não estava alucinando novamente. Era real. “Cê quer que eu trabalhe pra você outra vez? Por quê?”. “Vilmar não vem mais, o Amilton tá de atestado, enfim. Não tem ninguém e eu preciso de um cozinheiro. É um evento importante”. “Beleza”. “Então você vem?” “Uhum”. Saiu com um arroteo no meio. “Tu tá bêbado? Olha, o evento é domingo agora, não vai chegar de porre, hein? Vai ter governador, bispo, general, até a porra do presidente vem. Se tu chegares bêbado, vai me foder”. “Combinado”. “E faz essa barba”. Desliguei.

Era a oportunidade de uma vida! Quase acreditei que Deus existia e tinha um plano. Terminei de tomar o que já estava aberto, depois parei para pensar. “A senhora vai me ajudar, mãe”. Tomei um banho e esperei anoitecer. Na madrugada, arrombei o açougue mais próximo. Quando achei a máquina certa, liguei para o Rubens. “Escuta, como é que tu tá de carne? Tenho pra passar uns trinta quilos de carne de gado”. “Que ótimo, vamos usar nos pastéis”, ele me respondeu. “Mesmo acordo?”, “Fechado”.

Cheguei em casa, testei a máquina e tirei mamãe do freezer. Coloquei-a para descongelar no tapete da sala e fui dormir. Acordei bem-disposto e de bom humor pela primeira vez desde o início do *lockdown*. Vesti uma camisa bonita e coloquei a carne descongelada sobre a mesa. Ajustei a câmera do celular, tirei a primeira selfie. Liguei a máquina, peguei o cutelo e comecei a trabalhar. Sem máscara.

No domingo, cheguei mais cedo e fui limpar pratos perto da cozinha. Vi Odete cuidando de um panelão com a carne que eu

havia preparado. Sorri. “Capricha nesse tempero, hein querida”, eu disse. O tempo passou agradavelmente até a hora do evento, talvez porque eu estivesse ocupado. De noite, me colocaram na reposição dos tira-gostos, lugar privilegiado para servir a carne certa para aquela corja de vilões bem-vestidos. Vinha um general de verde-gala e eu dizia “Senhor, coma um pastel”. Passou o bispo e eu “Vossa Santidade, um pastelzinho”, já oferecendo a bandeja. Engraçado como nem os poderosos questionam uma ordem agradável de ser cumprida. Eu não continha o sorriso. Rubens passou por mim e perguntou se eu estava drogado. “Estou feliz de estar aqui”, respondi sinceramente.

O presidente aproximou-se da minha mesa. “Pastéis, senhor”, e lhe enfiei um pouco da mamãe na cara. O matusalém comeu um, dois, três. “Gostosos, não é mesmo?”. Ele me olhou sem responder. Continuou comendo. “Hein?” Insisti. “Fui eu que escolhi a carne. Quer ver o preparo?”, perguntei, já tirando o celular do bolso. Ainda de boca cheia, o presidente se aproximou e esticou o pescoço para olhar.

Fui passando as fotos. Conforme entendia o que estava acontecendo, a expressão da iminência ia se tornando mais e mais incrédula. Ele arregalou os olhos e cuspiu o que tinha na boca. Fez sinal de ânsia, o que provocou comoção em todos os presentes. As pessoas começaram a se aproximar. Comecei a gargalhar. Generais e damas vieram para acudir ao excelentíssimo. Quando achei que o mandachuva ia vomitar no salão, seus espasmos pararam e ele se apurou. Como um palhaço que termina o ato, ele se recompôs e sorriu. Olhando nos meus olhos, desdenhou: “Pessoal, esse rapaz serviu carne de gente pra nós!”. Arrebatou das minhas mãos o aparelho, exibiu as imagens para todos. A turba

de togas e ternos caiu na gargalhada. As minhas pernas amoleceram. “Quem é essa, rapaz? Uma vizinha? Parente sua?”. Confirmei com a cabeça, atordoado. “Tava contaminada? Senti um gosto de remédio na carne!” Nova cacofonia de risos. Pensei, “vou me mijar”. O presidente aproximou o rosto manchado e vincado. Pegou mais um pastel e devorou numa bocada. “Você acha que eu não sei o que estou fazendo, filho?”. Senti que ia desmaiar. O velho me agarrou pelos braços para me manter de pé. Olhou nos meus olhos, sorrindo largo. “Gostei de você, jovem. Vou passar o seu contato para o meu pessoal. Vai ser uma delícia ter você na nossa cozinha”.



O ÚLTIMO SAMBA

Eduardo Emílio Maurell Müller Neto

A gosto de 1930.

– Tem um homem morto aqui!

A barca Sétima atracou no *Pharoux*. Passava das 18 horas de uma segunda-feira fria de inverno. Do convés, os passageiros anunciavam aos gritos o episódio trágico ocorrido durante a travessia entre a Ilha do Governador e a Praça XV, na região portuária do Rio de Janeiro. No cais, um princípio de tumulto ganhava volume entre os que esperavam para retornar ao destino inicial da embarcação.

–Tem um homem morto na barca.

–Morto?

– Sim. Parece que teve um ataque e morreu.

– Que lugar para morrer.

A notícia se espalhava de boca em boca e causava mais indignação do que lamento. Os passageiros sabiam que a presença de um cadáver atrasaria o horário de partida da embarcação, alargando ainda mais o dia já findado com o baixar do sol. O vento úmido

e fresco rasgava a Baía de Guanabara e encontrava caminho entre a multidão, carregando retalhos de conversas entre desconhecidos em uma espécie de jogo de adivinhação sobre os motivos que culminaram na mórbida notícia, que rompeu a tranquilidade rotineira da espera cotidiana. No interior da barca, as pessoas se dividiam entre o sair apressado e o cercar curioso do corpo estendido em meio à passagem. Olhos carniceiros analisavam o defunto. Uma carcaça magra, ossuda, esparramada dentro de um terno velho e com tão poucos dentes na boca como os dedos que se contavam nas mãos. Ao perceberem encrustado no tecido do traje e no assoalho de madeira o jorro de sangue ressecado, cuspidos entre o tossir intermitente de uma última crise de hemoptise, os que ali permaneciam tomavam seus rumos apressados. A marca que desgraçara a vida do passageiro anônimo afugentava a todos que temiam pela doença cujo nome era proibido mencionar para não trazer má sorte.

— Olha! É ela.

— Com certeza, ele morreu pela maldita.

— Vamos, vamos embora daqui.

— Deus me perdoe, não quero ser a próxima.

A tuberculose grassava pela cidade com a destreza de um esgrimista, escolhia as suas vítimas sem critério, mas com predileção especial pelos que mal tinham para a subsistência, os boêmios e os de compleição esquelética. A doença matava aos milhares no Rio de Janeiro. A epidemia descontrolada deixava sua marca nos enfermos tal qual ferro incandescente em couro de gado. Não somente a vítima, mas todos que com ela conviviam eram alcançados por uma onda de preconceito e intolerância. As suas presas

sucumbiam à solidão moribunda antes mesmo do golpe fatal do bacilo, em uma morte social decorrente do pavor do contágio e da falta de uma resposta da ciência capaz de interromper o processo infeccioso, que na maior parte das vezes levava o doente a óbito com velocidade comparada popularmente ao galope de um cavalo.

Aos mais abastados, mas com os pulmões igualmente desgraçados pela tísica, restava a esperança derradeira do isolamento em sanatórios nas regiões denominadas como de bom clima. Nessas cidades sanitárias, eles ressurgiam em nova vida permeada por regras rígidas de convivência e um esperar confuso entre a cura — incerta — e o falecimento, presente na rotina dos tossidores. Os homens e mulheres condenados à vida sanatorial criavam forçosamente outros laços de amizade e até mesmo linguajar próprio, uma novílingua Orweliana calcada em aspectos físicos e emocionais da doença. Aos que nada tinham, a morte pública despontava como fim inevitável. Este foi o destino do defunto na barca.

Ele era apenas mais um a engordar a estatística dos que viviam de esconder a doença no dia a dia apressado da cidade grande até que ela lhe rebentasse no peito aflito. Não restou nenhum passageiro no interior da barca. Somente um marinheiro acompanhava de longe o pobre coitado à espera do recolhimento para identificação e realização dos trâmites burocráticos que antecedem os ritos funerários. No outro dia, logo cedo pela manhã, os jornais anunciavam o fim do mistério. A identidade revelada do tuberculoso deixava a cidade em choque e luto. A tísica colhida desta feita um nome popular entre os que gastavam suas horas de lazer na orgia dos bares e gafeiras da capital. Foi Sinhô, o intitulado Rei do Samba, a quem o bacilo elegeu para avançar

impiedosamente sobre os pulmões até que sangrasse pela boca no grito final de agonia.

II

Novembro de 1928.

— Sinhô, Sinhô! Seu disco é um sucesso. O samba Jura está na boca do povo. Todos cantam seus versos.

Com as mãos em concha tapando a boca, Sinhô tentava inutilmente disfarçar os espaços vazios da dentição amarelada. Ele não continha o sorriso fácil e a euforia da boa nova. O sucesso de Jura impulsionava novamente sua carreira. O Rei do Samba permanecia em plena forma artística e querido pelos admiradores da sua música. A sua saúde, no entanto, dava sinais mais evidentes de que não acompanhava o seu desempenho junto ao piano. Sinhô emagreceu nos últimos meses, andava abatido e com alguma falta de ar ao fazer esforço continuado. Ele animava o seu público em noitadas intermináveis. Ao amanhecer, estava exausto. O sucesso não lhe rendia dinheiro. Sinhô precisava seguir nas madrugadas como músico contratado para pagar as contas e dívidas que só faziam aumentar.

— Como está Sinhô? — perguntava um amigo

— Esta rouquidão não me larga — respondia um Sinhô trêmulo e febril.

O compositor carregava indisfarçavelmente no peito a inquietude da consumpção. Na busca por melhores ares, ele exilou-se por escolha própria na tranquilidade da Ilha do Governador, e

vivia em situação de precariedade, abandonado por aqueles que se locupletaram às custas dos seus sucessos musicais. Ao gênio criador nada restou, tão somente a miséria, a doença e uma companheira que cuidou com alguma dedicação da sua saúde debilitada nos seus anos derradeiros.

— Pobre Sinhô! — diziam em sussurros ao vê-lo definhando sobre o piano.

III

Agosto de 1930.

Sinhô tossiu compulsivamente durante todo o fim de semana. Não botou o pé para fora do barraco. Ele estava compenetrado em frente a um pedaço de papel no qual rabiscava versos e criava mentalmente uma harmonia. O seu pensamento voava livre e, por vezes, encontrava repouso e consolo nos anos recentes de glória. Um novo samba colocaria o seu nome mais uma vez entre os grandes, venderia discos e escaparia da situação de penúria. Do quarto, a sua companheira observava a frenética produção do compositor. Não o interrompia, sabia que a música era o remédio eficaz para os males do bolso e dos pulmões. No íntimo, ela também acreditava que podiam se reerguer. Gozar de prazeres esquecidos pelo passar do tempo e o avançar da doença. Ao acordar na manhã seguinte, ela viu que Sinhô seguia firme na sua missão musical. As horas passavam. O samba ganhava forma e parecia promissor. Quem sabe as pessoas não cantariam em coro pelas ruas no próximo carnaval. O dia estava gelado e úmido, irritando ainda mais a garganta do artista.

- Descansa um pouco.
- Não posso.
- Você comeu alguma coisa?
- Não dá tempo. Pegarei a próxima barca até a cidade para vender este samba.
- Espera amanhã. Já está tarde e faz frio na rua.
- Não. Tem que ser agora.

Sinhô vestiu um terno velho, dobrou cuidadosamente o papel com a letra do samba e guardou-o no bolso. Ele saiu apressado e esqueceu de se despedir da mulher. Só pensava no samba e de como poderia dar a volta por cima se encontrasse um comprador.

A barca estava quase zarpando quando Sinhô chegou ao cais. Apressou o passo, ensaiou uma corrida. Conteve-se. Seus pulmões ardiam. Sinhô embarcou cansado. Aprumou-se na proa e ficou a observar o mar da Baía de Guanabara. A água batia no casco, crispada pelo vento que encanava no interior da barca. Falta-lhe ar. O peito queimava. Tentava em vão segurar a tosse que vinha forte. Não sentiu sensação semelhante em nenhuma ocasião desde que soube do fatídico diagnóstico de tuberculose. As pessoas próximas a ele afastavam-se com receio dos sintomas clássicos da doença. Alguém perguntou:

- O senhor está bem?

Sinhô não tinha força para responder. Tossia compulsivamente. De tempo em tempo, ele colocava a mão direita na boca em uma inútil tentativa de cessar o desconforto. Logo irrompia um novo acesso, cada vez mais prolongado e sofrido. Sinhô lembrou-

-se do samba, da letra que mudaria sua vida. Certificou-se de que o papel permanecia no bolso do terno. Sorriu. Tossiu mais uma vez, e outra, e outra, até que veio a hemoptise. Um jorro largo de sangue correu seu corpo. Pôs novamente a mão no bolso como a proteger o papel salvador. Já não dava mais tempo. O coração diminuía o ritmo anunciando o fim da sua existência como se fosse o terminar de um samba. Sinhô caiu no assoalho de madeira também tomado pelo sangue. Ninguém socorreu Sinhô.

A barca Sétima atracou no Pharoux. Passava das 18 horas de uma segunda-feira fria de inverno. Do convés, os passageiros anunciavam aos gritos:

— Tem um homem morto aqui dentro.

The background features a complex, layered composition. At the top, a large, light-colored, semi-circular shape with a fine dot pattern is set against a dark blue background. Below this, a solid dark blue semi-circle is visible. The middle section consists of several overlapping, wavy, light-colored shapes with thin, dark blue lines and a dot pattern, creating a sense of depth and movement. The bottom portion of the image shows more of these layered, wavy shapes, with some appearing as solid dark blue bands. The overall aesthetic is modern and abstract, with a focus on geometric forms and texture.

A NEUROSE DO TEMPO

Vivian Pizzinga

Dizem que sou neurótica obsessiva. Outros me definem como capricorniana. Nasci numa quarta-feira quente em janeiro. Mesmo sendo mulher, há quem me saiba como *homo sapiens*. Mulher *sapiens*, no caso. Essas definições me interessam em graus diferentes, não sou dada a ditos astrológicos, verdade seja dita, mas me chamou atenção essa definição da psicanálise que minha namorada me forneceu, ela que estuda essas coisas. Refiro-me à definição que me diz neurótica obsessiva. Ela me disse: “Você é muito neurótica obsessiva”. “Por quê?”, retruquei, zangada e curiosa em parcelas desiguais. “Cheia de cismas, manias, controles, regrinhas, querências de uniformidade, um saco!”.

Sim, esse diálogo aconteceu em uma discussão. Talvez briga. Rusga. Desavença. Não sei as diferenças específicas dessas noções, mas se todas elas carregam momentos diferentes de tensão, certamente esse era um momento tenso entre nós. Já estou sendo prolixa de novo, minha namorada falou que isso também pode ser típico de uma neurótica obsessiva. Ela disse que, se eu quiser seguir na carreira de docente, preciso antes aprender a me expressar com um pouco mais de clareza, ser menos obcecada por detalhes. Preciso fazer com que meu interlocutor me entenda,

traduzir as palavras rebuscadas em termos mais acessíveis, tornar o conhecimento inteligível. Neuróticos obsessivos são bons cientistas, ela admitiu, lá pelas tantas.

Para tentar encurtar o assunto, o que eu queria dizer é que, de todas essas nomeações, essa foi a que mais me interessou. Mania de controle, fixação em minúcias, pensamento insistente em questões, emoções mais contidas, avareza com o tempo, avareza com a vida, sem contar a pão-durice nua e crua. Sim, fui atrás e aprofundi as informações que a Viviane me forneceu de má vontade, e cujo interesse que me despertaram eu não queria confessar. Percebi, ao final de minhas leituras, que sou mesmo assim, que se houver categorias diferenciadas de pessoas conforme seu jeito de ser, suas formas de se relacionar, sou mesmo uma neurótica obsessiva, e essa constatação veio pelo fato de notar que havia claramente entrado na neurose do tempo. E não conseguia sair.

A neurose do tempo

A neurose do tempo não começou em mim. Estive conversando com a Viviane e ela me disse que essa sanha de ser produtiva, de não descansar, de não dormir mais do que oito horas por noite (geralmente não consigo nem esse tanto, mas tampouco compenso, quando me é dado compensar), de acordar cedo mesmo aos domingos, de me sentir culpada quando acho que devia ter feito algo e não fiz, ainda que esteja em semana de férias, isso tudo é a neurose do tempo. Esse sentir-se mal, essa dívida comigo mesma, nada disso me pertence em sua origem. Exigências sociais internalizadas, é o que a Vivi fala. Mas em mim a coisa se agrava, chego a um paroxismo, e o reconheço agora, fazendo esse inven-

tário. Noto que comigo a neurose do tempo é algo grave, mas quando estou imersa na rotina da vida, sequer percebo, sou movida por essa neurose, persigo tarefas como um ponteiro de relógio bem adestrado. Eu sou um ponteiro de relógio bem adestrado, o ponteiro de relógio do mês. E o cúmulo do paroxismo significa nunca me atrasar nos compromissos e cobrar os atrasos alheios de diferentes formas, uma vez que enquanto estou esperando, estou perdendo tempo. E tempo não é dinheiro, tempo é utilidade, que é um mundo de coisas: é descanso, é conhecimento, louça lavada e pia limpa, mensagem no WhatsApp respondida, chão varrido, exercício físico realizado, três abdominais, talvez mais. Além disso, todos os trajetos que faço na rua são sempre pensados em seus milimétricos detalhes para que eu não perca tempo. Claro que posso imaginar um itinerário sucinto e, nesse caminho, encontrar alguém que me pare e cuja conversa não me interesse tanto, e que, ao fim e ao cabo, eu demore mais do que imaginava demorar. Mas certamente tentarei sempre traçar diagonais nos meus percursos, e foi isso o que gerou a discussão com a Viviane, semanas atrás, fazendo com que ela dissesse que sou uma neurótica obsessiva. Ela estava certa: corro atrás de moldar o tempo para que seja completamente moldável, de que o controle seja absoluto (ou quase, já que vivo numa cidade de engarrafamentos e da cultura do atraso como praxe benquista). Não gosto de dormir, não gosto de rede, não gosto de ir à praia, não gosto de ficar à toa. Há verbos que odeio e um deles é “zanzar”. Tudo isso me parece perda de tempo, e tempo não é dinheiro, mas até pode ser, uma vez que a utilidade também contempla finanças. Essa é a forma que encontro para não deixar com que minha vida seja tomada pelo desperdício de tempo e, para tal, é preciso compreender a ciência do tempo perdido.

A ciência do tempo perdido

Esse é um saber que instituí para mim e consiste em saber exatamente o que vale a pena ser feito e o que não vale, quanto tempo cada coisa que vale a pena ser feita gasta e não se demorar mais do que seria o esperado fazendo aquilo, saber que há coisas de que não se pode fugir e que devem ser otimizadas. Quando tentei explicar a ciência do tempo perdido à Vivi, ela disse que eu era uma taylorista da minha própria vida. “Oi?”, indaguei. Ela então falou de uma tal de Administração Científica, de seu idealizador, o Taylor, do controle dos movimentos, dos gestos, de trabalhadores controlados nos mínimos detalhes dos seus corpos docilizados por uma ciência da administração que visa o lucro, da ciência quando se distorce e fica contra o ser humano para ficar a favor das máquinas. “As fábricas, os escritórios”, ela disse. “Que que tem?”, falei. “Imagina os operários, os funcionários, os trabalhadores e as trabalhadoras serem controlados em seus movimentos de trabalho para executarem as tarefas de modo a desperdiçar menos tempo e produzir mais para dar lucro ao patrão? Já imaginou?”, ela me encarando fixamente e eu fixamente tentava imaginar o inimaginável até que ela arrematasse dizendo que eu estava assim, taylorista comigo mesma a troco apenas da minha neurose obsessiva. “Acho que você precisa procurar uma psicóloga”, finalizou. E completou: “Assim, você troca essa maldita ciência do tempo perdido, essa besteirada, e bota em prática a ciência do tempo usufruído”.

A ciência do tempo usufruído

Quando cheguei ao psicólogo (porque preferi ser atendida por um homem, claro), falei sobre isso. “Vim porque minha namorada quer que eu troque a minha antiga ciência do tempo perdido pela

promissora ciência do tempo usufruído”. Ele disse algo como “fa-le-me mais sobre isso” e escorregou na poltrona, olhando-me com atenção. “Na verdade”, eu disse, “não sei bem do que se trata, assim, ao pé da letra e da realidade, estou deduzindo por eliminatória. Sabe eliminatória, quando você está numa prova de questões de múltipla escolha e precisa chutar?” Ele meneou a cabeça de modo incompreensível e continuei explicando que a ciência do tempo usufruído só poderia ser o contrário da ciência do tempo perdido. “E o que é a ciência do tempo perdido?”, ele perguntou, na pausa de tempo que fiz de modo proposital, essa dança do diálogo, a ciência da interlocução. “Ora, é aquela que contabiliza o tempo em termos de perdas e ganhos, em termos de acúmulo e desperdício, em termos de retiradas e depósitos, em termos de infinito e limites”. Tudo o que eu fazia era pensado em termos de utilidade. Com o tempo usufruído, acredito que teria de relaxar. Teria de simplesmente fazer as coisas sem contar muito quantas horas, minutos e segundos gastei. Ou seja, usufruir. Usufrui-se de algo quando se está entregue a esse algo. Acontece que não sei fazer isso, só sei falar sobre isso. Não gosto de perder tempo, então não sei usufruir dele.

O psicólogo então se esticou um pouco e me interrompeu: “Você então retém o tempo para que ele te domine desse jeito?”, foi o que disse meu terapeuta simulando, malandramente, uma interrogação. À qual respondi: “É”. E ele disse, atento ao tempo lógico e me mandando embora em seguida: “Então você precisa ficar atenta à ciência do tempo usurpado. Ela é a sua senhora”.

A ciência do tempo usurpado

Foi depois que descobri essa coisa do tempo lógico, claro. Reclamando com a Viviane que o cara me dispensou em menos de

meia-hora, ela explicou que a linha de trabalho do doutor Juventus era a de Lacan. Fui atrás de saber mais, porque pesquisei tudo, isso faz parte dessa coisa toda de ser neurótica obsessiva, mas pouco entendi daqueles “matemas”, daqueles “outro” com “O” maiúsculo, daqueles “S” com um risco em cima, daquelas frações atípicas. Eu nem sou uma pessoa que desacredita de saberes que não seguem o método científico clássico, sabe? Não sou, tampouco, uma pessoa que acha que tudo tem de ser medido, controlado e passível de reprodução para que seja considerado objeto de conhecimento, afinal, estudei francês-português, sou de um curso de Humanas, acredito piamente no fato de que objetos diferentes demandam metodologias de investigação diversas. Admiro a Viviane por seu empenho no estudo da Psicanálise. Freud foi um cara genial, até onde sei. E todo esse saber, que hoje nos chega em novelas, em filmes, só nos chega porque houve aquele homem lá, fazendo ciência à moda dele, aperfeiçoando um conhecimento que era clínico, segundo a Viviane me explicou. Não nego nada disso, e talvez nem negasse que sou também capricorniana. O problema é quando se começa a escrever de um modo ininteligível. Pesquisei um pouquinho de psicanálise lacaniana e não consegui arrebatar um conceito sequer para argumentar com o doutor Juventus contra aquele tal de tempo lógico que o fez me dispensar com menos de trinta minutos de sessão e cobrar aquele tanto. Saí com a expressão “ciência do tempo usurpado” na cabeça sem nem ter podido refletir sobre o que seria essa ciência, me senti acumulando noções mal-acabadas, atropelando ideias, bagunçando um quarto e o deixando para trás com todas as portas de armário escancaradas. Até sonhei naquela noite, mas nunca que ia ser eu a louca de entregar um sonho de bandeja ao doutor Juventus, logo depois da primeiríssima sessão, a sessão inaugural,

reduzida pela metade e cobrada na íntegra, e aí a Viviane aproveitou para dizer que sou avarenta até com o meu inconsciente.

— Certo. E o que você acha então que é essa tal de ciência do tempo usurpado, Vivi?

— Acho que é a forma insana como você lida com o tempo. O fato de que você faz uma ode ao modo de produção capitalista. Você não se pergunta para quem você trabalha, a quem você é útil quando se propõe utilidade. Você cisma de acordar cedo aos domingos, me obriga a levantar antes das nove, e nem se pergunta o porquê dessa servidão. O tempo te foi usurpado e você não se dá conta disso.

— E quem teria me usurpado o tempo? O sistema?

— Você vai achar besteira, mas em uma palavra batida, paroxítona e trissílaba, sim, o sistema.

— Sei.

— Aquilo que faz lucro em cima de você, a quem interessa que você se sinta mal quando para, mesmo que a utilidade que você persegue não seja traduzida em moedas ou números. O que importa é que você fique num eterno *mood* de produção. Te usurparam o tempo, a capacidade crítica, a tranquilidade. Não demora e vão te usurpar o sono.

— Caramba, e o que faço, então?

— Mande tudo pastar. Edifique a ciência do tempo aleatório.

A ciência do tempo aleatório

Então ela me mandou a foto dos tais relógios moles, do Salvador Dalí, e disse, com um sorriso enigmático, que eu me inspirasse

naquilo ali. “Se quiser, fale disso com o seu analista”. Eu, no entanto, não pretendia voltar no doutor Juventus tão cedo. Ele me devia pelo menos meia sessão, eu havia pagado uma sessão inteira e ele me dispensou antes, na maior cara lavada, e, de mais a mais, gostaria que ele me explicasse aquela história de tempo lógico para que eu contrapusesse a minha ciência do tempo aleatório.

A ciência do tempo aleatório, fui concluindo, era superior à ciência do tempo usufruído, uma vez que usufruir do tempo é ainda um objetivo a ser perseguido. A ciência do tempo aleatório, por sua vez, não prestava contas a ninguém, e talvez não merecesse sequer o nome ciência. Talvez lhe valesse a alcunha de saber do tempo aleatório, aquele que não se encaixa em regras, previsibilidades, tabelas, que não pode ser traduzido por símbolos, que não tem equivalências porque pode ser qualquer coisa. Pode ser que a hora, a propósito, não comporte sessenta minutos, que o dia não abarque vinte e quatro horas e pode ser que a hora seja algo a ser definido em termos não-numéricos, mas qualitativos. Tempo aleatório é aquele que não tem amarras, não tem fronteiras, é contabilizado de um jeito inteiramente novo. Sua natureza é diferente da natureza do tempo tal qual o conhecemos. “Que natureza?”, ele perguntou, o doutor Juventus, na segunda sessão, a qual não consegui ignorar (admito) e compareci chegando, inclusive, com dez minutos de antecedência e ansiedade. “Que natureza?”, repetiu, vendo que eu me distraíra. “A do tempo”. “E o que é isso que você chama tempo?”.

Uma breve história do tempo

Eu sei lá. O que é o tempo? Não fazia a mais vaga ideia. A pergunta que o sabido doutor Juventus me lançou naquela segun-

da sessão, ainda mais rápida do que a primeira, suscitou silêncio. Pausa. Não saberia dizer se o silêncio é uma forma de o tempo se expressar, mas a pausa certamente é uma variante do silêncio.

Eu usava a palavra tempo como quem respira e sequer sabia do que estava falando. Eu era neurótica com o tempo, evitava perdê-lo e, por isso, queria conhecer ao máximo sua mecânica, sua lógica, a fim de domesticá-lo. Eu descobria que não sabia usufruir dele e que, mesmo aleatório, ele me escapava. Tudo isso sem saber o que era o tempo.

Com talvez menos de vinte minutos de sessão, fui ejetada da sala do doutor Juventus e busquei uma *internet* veloz. Comecei as buscas. Descobri que havia uma breve história do tempo, e não por ser breve, mas por ser sucinta em sua narrativa, partir de um começo de tudo, um começo bem questionável, como quaisquer suposições de origem podem ser. O *Big Bang*, de que eu tanto ouvira falar, era talvez o início de tudo. Mas eu pouco sabia daquilo, eu era uma pessoa de Humanas, havia tido dificuldade com equações de qualquer grau. O livro do Stephen Hawking me caiu nas mãos e eu, pela primeira vez, ouvi falar em teoria das supercordas e em cones de luz. Tudo me pareceu muito espiritual e lúdico ao mesmo tempo, mas consegui avançar na leitura, era uma linguagem um pouco mais fácil do que a de Jacques Lacan. Pesquisar o tempo me fez chegar ao espaço que me fez voltar ao tempo que me levou aos gregos, que me estacionou em cronos. Cheguei também a Bergson, à duração, e nada se esclareceu para mim, tornei aos gregos, estava nos pré-socráticos. Viviane, ao meu lado, enfronhava-se em leituras de Psicanálise, e eu a interrompia: “Você já ouviu falar no cara que disse que não se pode entrar num rio duas vezes?”. Sem desviar os olhos de sua leitura, ela disse:

“Heráclito”. Ela sabia um monte de coisas e conseguia dormir até meio-dia aos domingos, gostava de redes, praia, adorava zanzar. Voltei às leituras, tudo flui.

As pesquisas de *internet* são como ganchos que se acoplam ao inesperado e aquilo tudo me levou à Literatura, à busca do tempo perdido, ao valor da memória e sua ligação com as sensações, Proust e seu linguajar poético. As pesquisas de *internet* são como ganchos quebradiços, e muitas vezes não levam a nada ou levam a pilhas de palavras que não sabemos o que são, temos as indicações nas mãos, as portas fechadas, as placas nas portas, sabemos quem está ali dentro ou quem deveria ocupar a sala, mas nada sabemos sobre ele e, ao final de tudo, temos essa lista aleatória, a busca do tempo perdido de Heráclito nos cones de luz envoltos por supercordas no espaço que é breve e flui. Sem contar o tempo lógico, que finalizou a terceira sessão em ousados quarenta minutos.

Em busca do tempo perdido

Definitivamente, eu sabia que não esgotaria minhas buscas tão cedo. E que as sessões com o doutor Juventus não me trariam respostas fáceis. Que eu não deixaria de ser uma neurótica obsessiva capricorniana mulher *sapiens* nunca e, mesmo se deixasse de ser, encontraria outras nomeações para mim. Aquela era a minha sinopse. E eu sabia também que não seria de uma hora para outra que eu conseguiria me libertar da minha neurose do tempo, que não conseguiria chegar facilmente à ciência do tempo usufruído, nem à ciência do tempo aleatório. E que eu precisava, talvez, recuperar o tempo usurpado. Não sabia como fazê-lo, mas descobri

que no divã do doutor Juventus alguma coisa poderia ser resgatada e, por fim, retocada. Como um borrão na pele, que você retira passando um algodão umedecido bem devagar, com movimentos delicados. Ali, tentando arrancar dele um pouco mais de atenção, talvez eu pudesse enveredar para o tempo lógico da sessão de análise. E sair do consultório sem reclamar. Estava nas mãos do analista o fim do meu tempo com ele. Estava nas mãos do doutor Juventus dizer: “Nosso tempo acabou por hoje”.



UNA IDEA VIGENTE

Alejandro Alberto Armesto Bedito

Mientras deambulaba por las salas de la exposición oyó, uno detrás de otro, los comentarios de siempre. Claro que, en honor a la verdad, deambular no era exactamente lo que hacía y oír es un proceso básicamente físico que, por su naturaleza, le estaba vedado. Pero nada de esto le impedía estar presente. Y cada vez que un visitante exclamaba un “¡Pero si iba montado al revés!” o aquello de “¿La cola delante con las alas y el motor detrás?”, se limitaba a sonreír – aunque igual solo parecía que lo hiciese - y a seguir buscando mentes afines entre los visitantes de la exposición. Pronto encontró un grupo de jóvenes en el que integrarse. Hablaban con soltura de los diferentes modelos; de las distancias recorridas en los vuelos; de fechas y hazañas; conocían detalles clave de los diseños... pero había algo más. Una de las jóvenes del grupo alabó la decisión de no patentar los descubrimientos, de permitir que fueran utilizados y mejorados. De permitir que fueran libres como la Ciencia debía de ser - “Él fue el primer defensor del *Creative Commons* del mundo” dijo como conclusión - Las palabras de la joven iniciaron un debate que le era familiar. “Sí, este es mi grupo” se dijo - si hubiera podido decirse algo, claro está. En ese momento, dos chicos empezaron a enumerar hechos trágicos en la vida del hombre al que rendía

homenaje la exposición. La tristeza y la especulación solían estar presentes también en todas las exposiciones que visitaba. A pesar de ello, se fijó en las palabras de dos gemelos que matizaban la conclusión a la que había llegado la chica. “En algunos de sus planteamientos sobre los derechos de invención fue *Copyleft*. Sobre todo, quería que la ciencia fuera libre”, dijo uno de los dos gemelos. “Y que las patentes no ahogaran la creatividad técnica y el desarrollo científico”, sentenció el otro. “Sí,”- se dijo - “soy una idea vigente.” Y decir que se dijo es solo una manera de hablar, porque una idea no puede ni decir, ni deambular, ni oír, ni sonreír ni ninguna otra de las cosas que la persona que la ha creado, la sostiene, la enmienda o la refuta puede hacer. Y la persona que creó y sostuvo esta idea – y muchas otras más, todo sea dicho – murió hace casi 90 años. Pero su idea pervive. Y está presente en cada exposición sobre Santos Dumont que se hace en cualquier lugar del mundo. Y no es faltar a la verdad decir que las ideas pueden hacer cosas que las personas que las crean, las sostienen, las enmiendan o las refutan nunca podrán hacer. Como por ejemplo viajar, además de espacial, también temporalmente. Y esto es una gran ventaja – para las ideas, claro. Para la humanidad, en según qué casos, no lo es tanto. Hay ideas que continúan viajando hacia el futuro cuando deberían haber quedado ancladas en pasados cada vez más remotos. Pero dejemos los viajes y volvamos a la idea de Santos Dumont, cuya vigencia pervive en tecnologías inimaginables para una persona de aquella época. Incluso para una persona como Santos Dumont, que nació en un imperio y murió en unos estados unidos, aunque tanto el uno como los otros, fueran de Brasil. Un hombre que – dicen - entre sus pequeños logros ayudó a inventar también el reloj de pulsera. Nada menos que uno de Cartier que, es de suponer, no pudo ser más que de oro. Pero, dejemos

al hombre también y concentrémonos en su idea. Y no me refiero ahora a la de que algo menos ligero que el aire puede volar SIN ayuda externa. Si no me refiero a ella es para evitar tener que hablar de unos hermanos de otros estados unidos – esta vez de América, nada menos – que años después de que Santos Dumont hubiera certificado independientemente el primer vuelo a motor de la historia, consiguieron adjudicarse el título de “Padres de la Aviación”... En fin, hablemos de la otra idea – ¿De cuál? ¡Tenía tantas! - De la idea que planeaba por la exposición y que se ufanaba de su propia vigencia. La que vivía en cada pequeña aportación que Santos Dumont hizo a la ciencia mediante los trabajos que le llevaron a sus descubrimientos. Todo lo que inventó y todo lo que desarrolló fue de dominio público. Nunca creyó en las patentes o, por lo menos, nunca creyó que él debiera registrar ninguna. Es una idea esta que, cuando no visita exposiciones –generalmente de Santos Dumont – suele reunirse con otras que le son afines para reivindicarse juntas y demostrar su vigencia. Ayer mismo- o tal vez fue otro día; con las ideas nunca se sabe- se reunió con la idea de la solidaridad y con la idea de la generosidad. Pero las encontró denostadas, sin ganas de viajar- viajar por el tiempo, me refiero. Como que se iban quedando atrás. Tal vez fuera casualidad pero, desde lo de las vacunas para la pandemia, a sus dos amigas – que todo hay que decirlo, eran ideas muy viajadas – se les notaba algo ausentes. Cuando, por ejemplo, la idea de la solidaridad se presentaba en las reuniones de algunas compañías farmacéuticas siempre la supeditaban a un estudio de mercado; a los resultados de una cuenta de explotación o a consideraciones que, como idea que era, ni entendía, ni podría entender nunca. Cosas del mundo en el que vivimos- que no sorprenden mucho a las personas que lo habitan pero que afectan a las ideas que algunas de esas per-

sonas crean, sostienen, enmiendan o refutan. Las ideas de este grupo, las que se reunieron ayer mismo- o tal vez fue otro día - no congenian con ciertas empresas. Por un motivo u otro, les cuesta penetrar en sus lujosos despachos. Y no digamos ya en la mente de sus directivos y accionistas. Simplemente, cada día les cuesta más estar presentes. Sería normal que estas tres ideas estuvieran preocupadas pero, como ya sabemos, hay cosas que las ideas no pueden hacer.

BIBLIOTECA DE BRASIL , 1
Cuento de Brasil, 1

El Centro de Estudios Brasileños de la Universidad de Salamanca organiza desde el año 2017 el concurso de relato breve “Cuén-tame un cuento”. Con el objetivo de incentivar la divulgación científica sobre Brasil, su quinta edición contó con la colaboración del Museu da Vida de la Fundação Oswaldo Cruz (Río de Janeiro, Brasil). Personalidades del mundo de la ciencia; epidemias y crisis sanitarias; hechos históricos relacionados con la ciencia y los descubrimientos científicos; el método científico y su aplicación... Todo ello forma parte de la presente obra.



O Centro de Estudos Brasileiros da Universidade de Salamanca organiza desde 2017 o concurso de relato breve “*Cuéntame un cuento*”. Para incentivar a divulgação científica sobre o Brasil, a quinta edição do concurso contou com a colaboração do Museu da Vida da Fundação Oswaldo Cruz (Rio de Janeiro, Brasil). Personalidades do mundo da ciência; epidemias e crises sanitárias; fatos históricos relacionados com a ciência e os descobrimentos científicos; o método científico e a sua aplicação... Tudo isso faz parte desta obra.



UNIVERSIDAD
DE SALAMANCA



CENTRO DE
ESTUDIOS
BRASILEÑOS



museudavida

ISBN: 978-84-1311-



9 788413 11